A Cena Muda

BIBLIOTECA NACIONAL
Rio de Janeiro

CINEMA e RÁDIO

FARLEY GRANGER E SEUS AMÔRES
O DRAMA DE DÓRIS MONTEIRO
FOI GAGO, HOJE É RÁDIO-ATOR

N.º 38 ★ 19-9-52 ★ PREÇO CR$ 3,00



Um acontecimento na cidade!

insinuante está aniversariando



Salve os 22 anos da

INSINUANTE

A sapataria mais querida da cidade

MUITAS FLÔRES
MUITA ALEGRIA
E PREÇOS
BARATISSIMOS!

AT. SEMOG.

LEVY KLEIMAN
apresenta em



CINEMA

REPORTAGENS ESPECIAIS

A ODISSÉIA DE UM PIONEIRO, de Alberto Dines .... 4 e 5
ANSELMO DUARTE, DIRETOR DE REFORMATÓRIO, de Landa Lopes 7
FARLEY GRANGER DOS AMÔRES FALHADOS 11
EUROPA 51 e OUTROS SUCESSOS ITALIANOS NO FESTIVAL DE VENEZA .... 18 e 19

CINE-ROMANCES:

MERCADO INFAME .... 12 e 13
UMA AVENTURA NA ÁFRICA 16 e 17

SEÇÕES PERMANENTES

CINE-MUNDIAL 6
TELAS DA CIDADE .... 8 e 9
NOTÍCIAS E COMENTÁRIOS DO CINEMA NACIONAL.. .. 10
ESTRÉIAS NO MUNDO DO CINEMA 14
O QUE A TELA NÃO MOSTRA 15
A CENA RESPONDE e CINE-CRÍTICA DO LEITOR 20

RÁDIO

REPORTAGENS ESPECIAIS

DÓRIS MONTEIRO PREJUDICADA PELA PRÓPRIA MÃE — de M. Corrêa .... 21, 22 e 23
FOI GAGO, HOJE É RÁDIO-ATOR, de Milton Salles ...... 25 e 26
MEIO MILHÃO GANHARÁ ROBERTO INGLÊS .... 27 e 28

SEÇÕES PERMANENTES

Disse-me-disse — Pontos de Vista — Daqui, dali, dacolá — Epitáfio de Lamartine Babo.. 24

MÚSICA POPULAR

PARA VOCÊ CANTAR 33

RÁDIO-NOVELA

As Rosas de Maria Angélica — de José Fernandes — 3º capítulo .... 31 e 32

PÁGINA SENTIMENTAL

Para Você Cantar — e Rádio Social 33

FOTOS

Alberto Ferreira Lima, Alberto Dines, Tibor, Unitália, Vera-Cruz, R.K.O., Art, United Artists, Metro.

CINEMA e ESPADA

NÃO somos militaristas nem antimilitaristas. Aceitamos o "fato militar" como aceitamos uma porção de coisas inerentes ao "fato social", desde o início dos séculos. Também achamos que, em matéria de cinema, um batalhão é uma coisa tão filmável como outra qualquer, sendo mesmo algo de muito fotogênico e que pode oferecer a uma câmara o "thrill" que ela tanto procura.

Apenas não concordamos que um batalhão seja a única coisa filmável do mundo, como pensam os responsáveis pelos complementos cinematográficos nacionais, agora feitos semanalmente e semanalmente empurrados sôbre nossos olhos já tão fatigados de cruezas. De soldados fazendo guerra e de soldados fazendo ginástica. Soldados recebendo espadas e soldados entregando espadas. Soldados dizendo e soldados desdizendo. Soldados nus e soldados vestidos. Soldados, soldados, soldados. Como se nós fôssemos uma miseranda nação que mourejasse em constánte pé de guerra.

Fatos curiosos, que mereciam a documentação irretorquível do cinema, se sucedem freqüentemente. Eventos dos quais o público necessitava tomar conhecimento visual acontecem sempre numa grande cidade como o Rio. E tantas outras ocorrências que não sejam ùnicamente banquetes e falatórios...

Mas, segundo os nossos cinegrafistas, é preciso manter elevado o moral do povo dando-lhe a conhecer que o Quartel do Corpo de Bombeiros não vai pegar fogo amanhã e nem que o Forte de Copacabana está prestes a sucumbir diante de engenhos bélicos misteriosos vindos sabe lá Deus de onde.

No fundo, não somos contra êsses complementos "fardados", que até os achamos vistosos. Somos contra a pletora dêles, como somos contra a pletora de seja lá o que fôr, mesmo de cinema e muito especialmente de mau cinema. Já estamos tão habituados com êsses complementos que quando entramos num cinema qualquer, de primeira classe ou mesmo desclassificado, contamos sempre em rever os nossos conhecidos guardas-marinhas beijocando suas mamães ou os rapazes da Polícia Especial arriscando a vida em acrobacias que nos deixam, a nós espectadores, com o coração na mão.

Nós, entretanto, passaremos. Passará mesmo a nossa mania de freqüentar cinema. Mas, os complementos nacionais não passarão, o que é infinitamente mais trágico.

LÍVIO DANTAS

NOSSA CAPA

Ademilde Fonseca, a "rainha do chorinho", artista exclusiva da Rádio Tupi, que regressou há pouco de Paris, onde participou com outras figuras do broadcasting, no Carnaval promovido por Jaques Fath.
(Foto Ávila)

EXPEDIENTE

Fundada em 1921
Propriedade da
COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA
Diretor-presidente **Gratuliano Brito** — Assistente **Renato de Alencar**
Chefe de Publicidade: **Severino Guimarães**
Endereço: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio de Janeiro — Brasil
TELEFONES:
Redação 22-4447
Administração e Publicidade 22-2550
Portaria 22-5602
Endereço Telegráfico: REVISTA
Distribuição e Publicidade em São Paulo: AGÊNCIA ZAMBARDINO, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1596

PREÇO e ASSINATURA

Número avulso em todo o território nacional	Cr$	3,00
Assinatura anual (52 números)	Cr$	150,00
Assinatura semestral (26 num.)	Cr$	75,00
Assinatura anual sob registro	Cr$	180,00
Assinatura semestral sob registro	Cr$	90,00
Assinatura para o estrangeiro, anual	Cr$	280,00
Assinatura para o estrangeiro, semestral	Cr$	140,00
Número atrasado	Cr$	4,00



O criador de «Sinfonia Amazônica», examina quadro por quadro o seu trabalho



«O trabalho foi duro!» — comenta agora sorridente Anélio Latini, para o repórter da «CENA», Alberto Dines. À direita, Mário Latini

500 MIL CROQUIS

ODISSÉIA DE UM PIONEIRO

APRENDIZ POR CONTA PRÓPRIA — EM NOVEMBRO O LANÇAMENTO DO TRABALHO DE LATINI

Texto e Fotos de ALBERTO DINES



Com tintas especiais, Anélio Latini prepara um desenho que vai ser filmado

Depois de cinco anos de exaustivos trabalhos, depois de ter feito 500.000 croquis, depois de tôda uma odisséia para concretizar uma aspiração, termina Anélio Latini Filho, sua "Sinfonia Amazônica", o primeiro desenho animado de longa metragem feito no Brasil.

Num casarão da rua Aguiar, na Tijuca, trabalha e mora Anélio, com sua família.

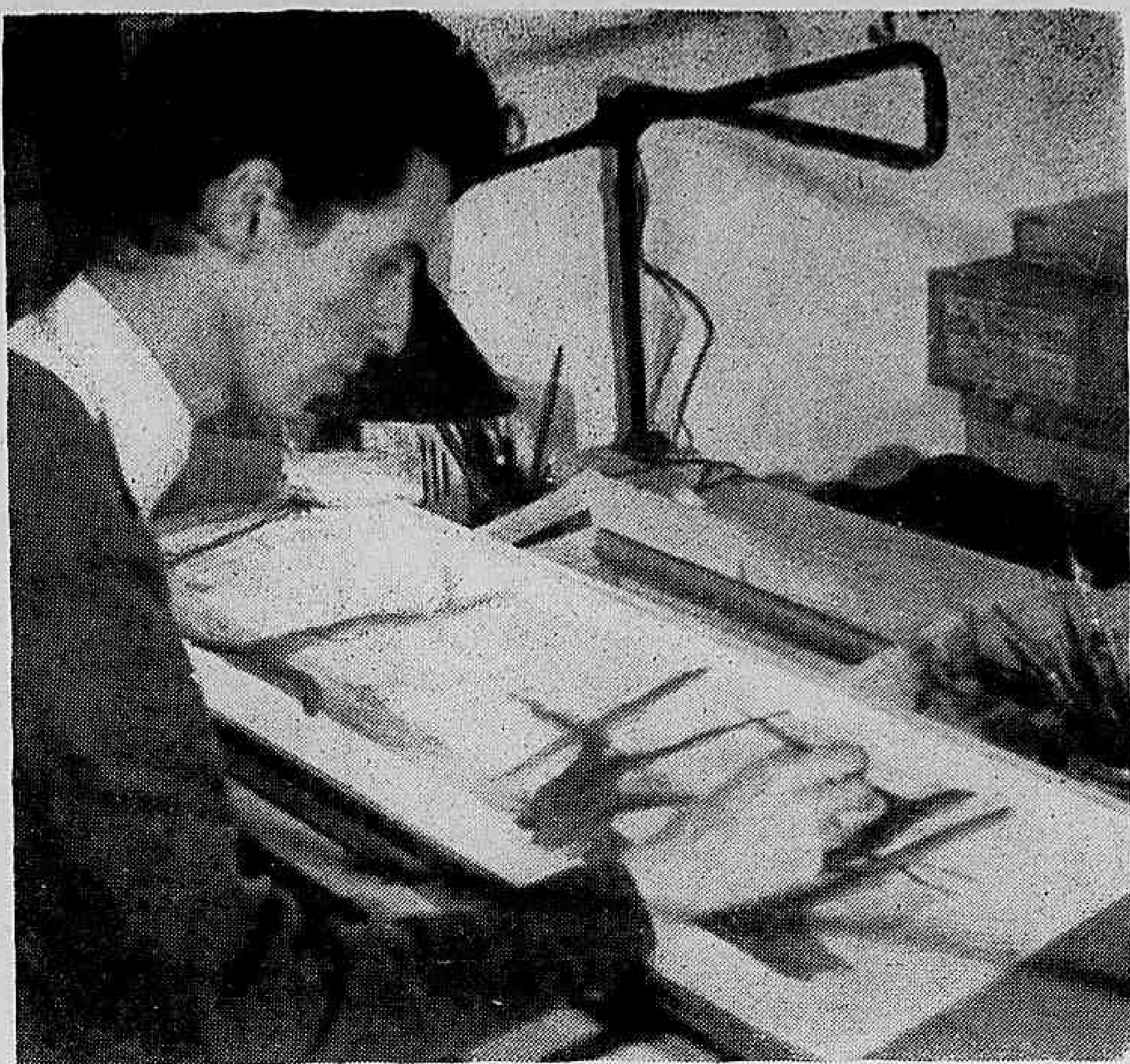
E a reportagem da CENA foi procurá-lo. Poucos conhecem, de fato, o que significa a obra de Latini. Poucos avaliam o que é ser pioneiro, dentro de qualquer setor de atividade. Significa pesquisa, significa milhões de tentativas, experiências, erros, novas tentativas, significa não ter mestres, livros, apoio e compreensão.

Anélio, sòzinho, teve de aprender como é que se faz um desenho animado, como é que se movimenta um personagem, sem choques na movimentação, como é que se sincroniza a voz, a música e as danças, e antes disso, que tintas usar, como dar impressão de dimensão e profundidade ao "decor", etc.

Tudo isto foi pesquisado, foi descoberto mesmo.

Apaixonado como sempre foi pelo rico manancial folclórico brasileiro, Anélio começou sua "Sinfonia Amazônica" em 1947, com um argumento fornecido pelo folclorista Joaquim Ribeiro. Para a sua cenarização, Anélio teve que estudar tôda a mitologia amazônica; para a criação dos 16 personagens e "extras" êle teve que estudar tôda a fauna amazônica; para criar o "decor" natural, êle teve que estudar, detalhadamente, a flora amazônica, a fim de dar, exatamente, aquela atmosfera densa, real e irreal da floresta amazônica.

Mas as dificuldades não foram só de ordem técnica. Faltava aquêle material



Na prancha de desenho, retocando um fundo

tão corriqueiro e prosaico, mas tão difícil de se conseguir. Faltava a alavanca que não permite que muita coisa boa, na arte e na ciência, possa ser feita, por causa de sua ausência.

Faltava dinheiro.

E depois que tôda a família, desde o pai, o pintor Anélio Latini, até os seis irmãos se concentraram para ajudar o "Nelinho", surgiram novas dificuldades, aliás habituais. Faltava boa vontade. Todos sabem como é imprescindível ao desenho animado, a música. Por isso, foi Anélio à procura dos compositores brasileiros, para comporem uma partitura original para o seu filme. Recusaram-lhe. Por quê? Simplesmente porque o jovem Anélio só podia pagar em "quotas" de sua produtora e os compositores queriam metal sonante. E, por causa disso,



Anélio Latini ao lado de seus personagens de «Sinfonia Amazônica»

Anélio teve que usar música clássica tradicional, o que em parte tirou de sua obra um pouco de fôrça.

Mas, de qualquer forma, Anélio lançou-se na produção sòzinho, contando sòmente com a ajuda de seu irmão Mário, também cineasta, na parte fotográfica e de sua irmã Wanda, no desenho em celulóide.

Mas o valor e a perseverança do jovem Latini foram premiados. O trabalho aproxima-se de seu final. O filme deverá ser lançado em novembro, no Rio.

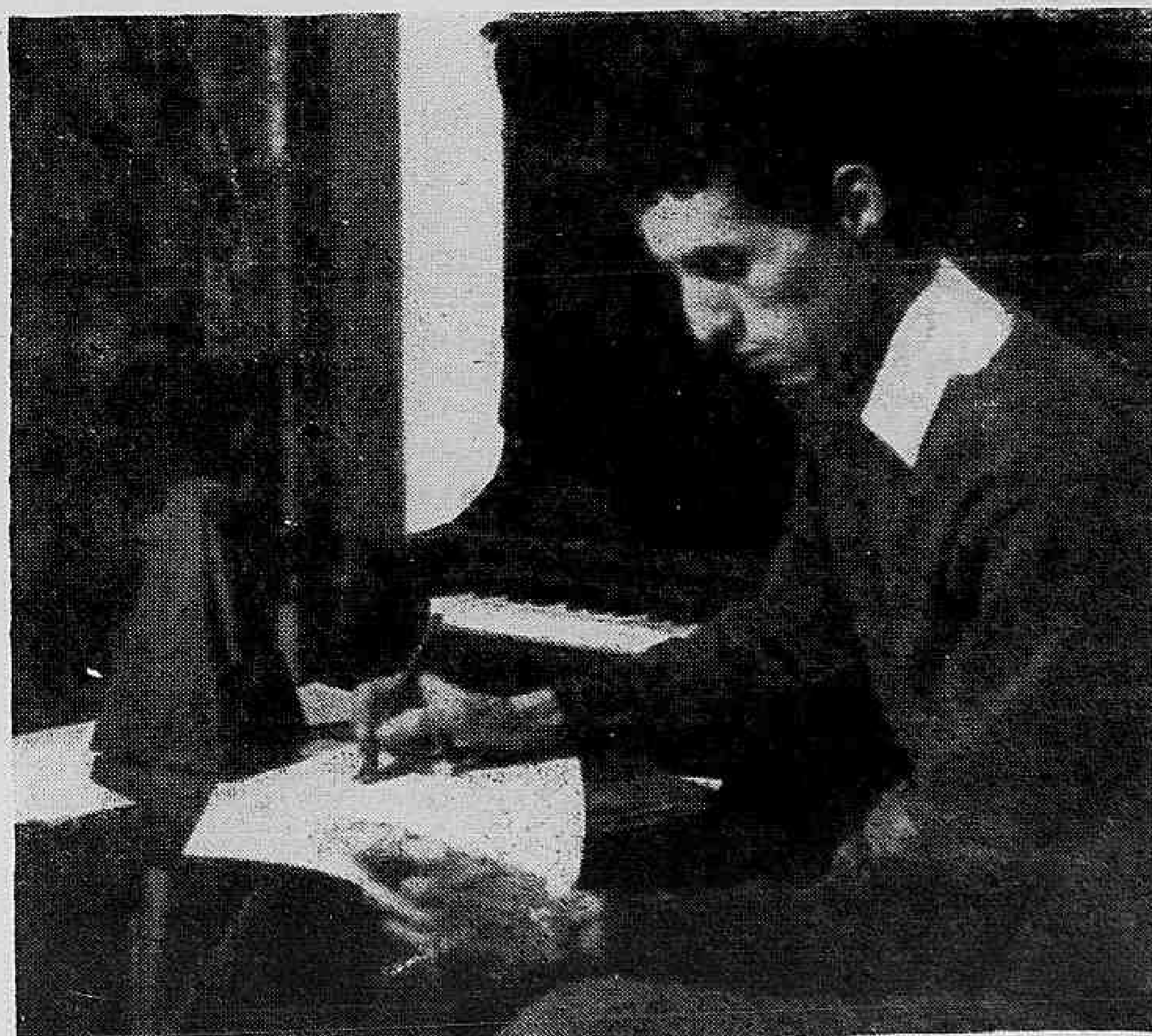
Depois de terminada a "Sinfonia", Anélio voltar-se-á para a criação de um estúdio bem organizado e bem aparelhado. Então produzirá com maior perfeição (as máquinas que êle usa foram feitas por êle) e com maior rapidez, seus trabalhos futuros: "Rapsódia dos Pampas" e "Pai João", também tìpicamente brasileiros.

— Tenho fé no desenho animado — diz Latini.

E nós temos fé no criador do desenho animado no Brasil.



Na mesa de montagem, Anélio examina uma seqüência, enquanto seu irmão Mário, confere a decupagem



Com um metrônomo e um cronômetro, Anélio Latini prepara um esquema de movimentação com música



Zapata levou uns tiros no México. Marlon Brando só empregou o revólver nos Estados Unidos

CINE-MUNDIAL

ALEMANHA

A atriz sueca Zarah Leander, que continua sendo a primeira dama do cinema alemão, deveria reiniciar dentro em breve seus trabalhos de filmagem em Munich, o que não acontecerá mais em vista de um acidente que a estrêla sofreu numa representação teatral em Estocolmo.

ARGENTINA

Nos estúdios portenhos estão sendo rodadas as primeiras seqüências do filme "La Marca de Dios", uma biografia do sábio Juan B. Vucetich, descobridor da datiloscopia argentina, hoje adotada universalmente.

★

Oduvaldo Viana dirigirá em Buenos Aires "El Hombre que nació dos veces", com César Ratti e Emma Martinez.

ESTADOS UNIDOS

Greer Garson e Deborah Kerr estão no elenco de "Julius Cesar" fazendo uma o papel de Calpurnia e a outra o de Portia. Interessante é notar que em nenhuma cena as duas se encontram, por culda de Shakespeare que preferiu, em seu drama, mantê-las à distância.

★

Bing Crosby e Jane Wyman se deram muito bem em "Órfãos da Tempestade". Em vista disso a Paramount voltou a reuní-los em "Just for You", um filme que conta também com a presença de Ethel Barrimore.

★

"Mogambo" será a película que juntará novamente Ava Gardner e Clark Gable. Trata-se de uma aventura romântica a ser filmada na África, sob a possível direção de John Ford.

★

Robert Taylor foi escolhido para o papel central de "Quentin Durward", a ser extraído da célebre novela de Sir Walter Scott. Será a segunda história do clássico inglês a ser protagonizada por Taylor. Como se sabe, o popular artista terminou recentemente, na Inglaterra, de filmar "Ivanoé, o Vingador do Rei".

ITÁLIA

Tudo indica que o próximo filme de Ingrid Bergman, sob a direção de Roberto Rosselini, será "Anna Christie", papel sempre cobiçado pelas grandes atrizes do cinema e que a Garbo interpretou em seu primeiro filme falado. (Cont. na pág. 34)



O nosso patrício Gilberto Souto, depois de uma longa permanência em Hollywood, retornou ao Brasil, definitivamente, para chefiar a publicidade da United Artists. Sua última visita na terra do cinema foi a Stewart Granger, nos estúdios da Columbia, onde o famoso galã está trabalhando ao lado de Rita Hayworth, no mais sensacional dos filmes: «Salomé» (Salome and the Seven Veils), em côres por Tecnicolor



Anselmo Duarte numa cena de «Appassionata»

CINEMA EM S. PAULO

ANSELMO DUARTE DIRETOR DE REFORMATÓRIO

LANDA LOPES

Anselmo Duarte é, sem dúvida, o artista mais popular do nosso cinema. Todos os depoimentos e críticas são unânimes em afirmar categòricamente o que acabamos de asseverar.

Ainda há pouco, venceu êle o concurso promovido por uma das nossas revistas como o melhor artista masculino do cinema nacional.

Anselmo trabalhou até agora em pelo menos dez filmes interpretando em cada um dêles um papel diferente. Foi galã, médico, estudante, vilão, oficial, compositor, padre, gangster e místico. Enfim, o grande ator viveu nessas películas dez vidas diferentes.

A maior consagração recebida por Anselmo pelo público veio depois do seu ingresso na Companhia Vera Cruz e isso, sem dúvida, porque foi nos estúdios de São Bernardo do Campo que êle teve a maior oportunidade de mostrar o seu talento artístico, com argumentos, papéis e recursos à altura de sua grande sensibilidade e capacidade de interpretação.

Depois do seu grande triunfo em "Tico-tico no fubá", interpretando a figura inconfundível de Zequinha de Abreu, agora o público vai admirá-lo em "Appassionata", no papel de Pedro, jovem idealista, diretor de um reformatório de menores num lugar êrmo, junto do mar.

PANELINHA DE PRESSÃO

Renato Consorte anda sem sorte... Sendo o responsável pelo material de contra-regra de um dos filmes da Vera Cruz, teve a sua quinzena dêste fim de mês descontada pela companhia que, sem a devida consideração aos seus esforços, fê-lo responsável pelo extravio de um objeto.

Renato andou aborrecido, não pelo dinheiro perdido, mas pelo que taxa de injustiça por parte da companhia.

Isso acontece geralmente, Renato, por fora de organização; você vai ver que muito breve a Vera Cruz lhe dará uma recompensa inesperada para compensar êste aborrecimento de agora.

E bem que você merece, Renato.

★

O Antônio Gonzaga da Silva me contou que, domingo, foi ao baile do "Cinelândia Clube", no salão do "Independência", e que, logo ao chegar, surpreendeu-se com o alvorôço tremendo que reinava entre as garôtas.

E' que — constatou depois — o Anselmo Duarte estava lá.

As pequenas deram o bôlo em seus namorados, à torto e à direito e só queriam dançar com o popular artista do cinema nacional.

Você não me contou, Antônio, mas a sua garôta deve ter ficado indiferente à presença do "astro", não?

Você tem tanta "pinta" de galã quanto o Anselmo...

★

Por falar em Anselmo, está acontecendo com Wanderley Pires, o futuro astro da Monumento Filmes: há dias, quando tentava vender o apartamento de um seu parente para uma velhota "cheia da gaita", contava à mesma as vantagens do imóvel:

— "Está situado defronte à praia... todo mobilado em finíssimo estilo... lindas decorações..."

A mulher cada vez mais indiferente:

— "Não interessa..."

— "Primeiro andar... ensolarado..."

— "Não interessa..."

E o Wanderley, numa súbita inspiração:

— "O apartamento vizinho pertence ao Anselmo Duarte..."

E a velhota numa inesperada transição:

— "Vamos vê-lo imediatamente. Acho que ficarei com êle..."

MESTRE "KUKA"

NOTICIÁRIO

Fada Santoro está em S. Paulo, filmando para a Flama.

Soubemos que várias propostas lhe foram feitas por diversos estúdios paulistas, mas a estrêla a tôdas recusou amàvelmente.

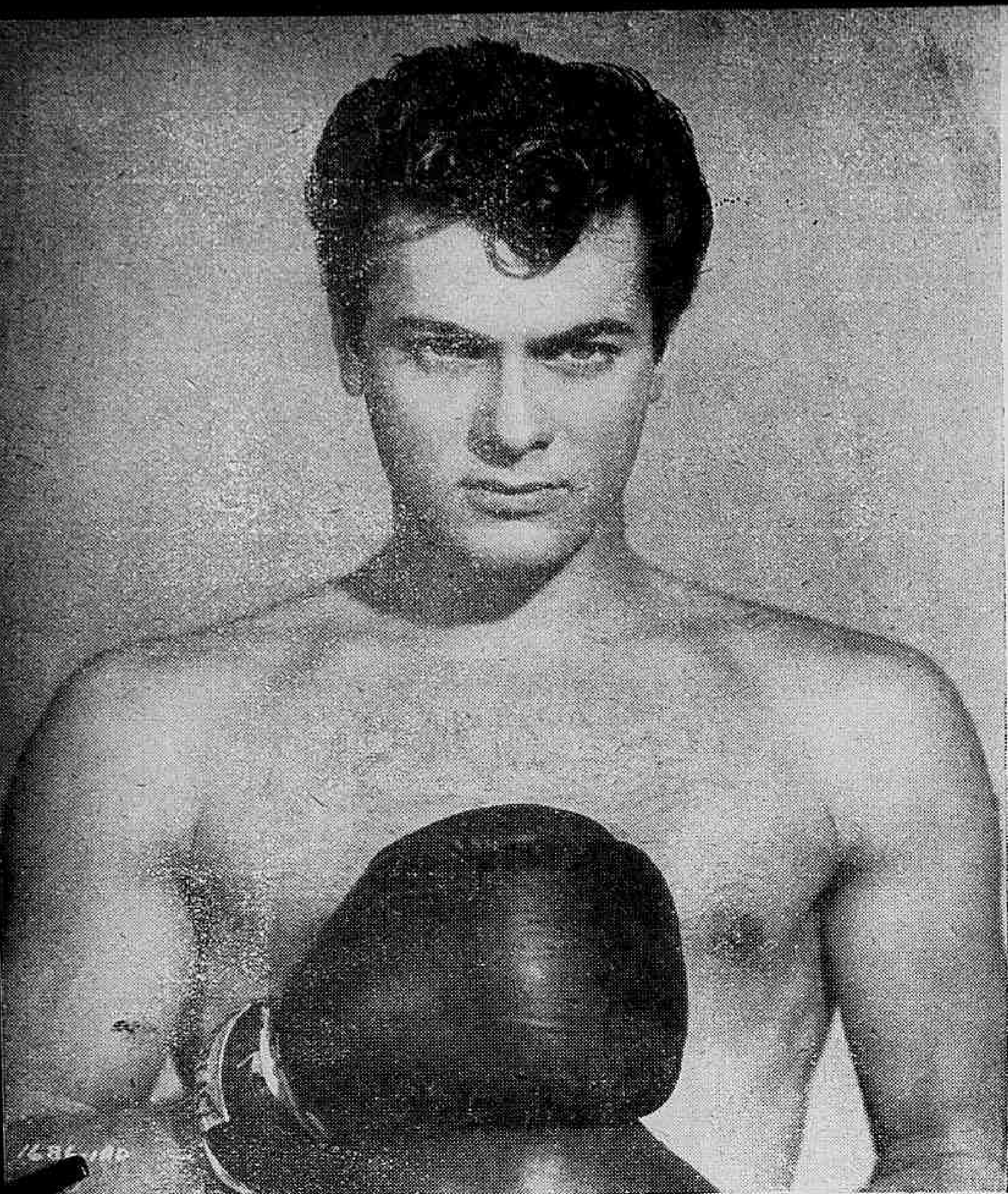
Sim... naturalmente... Por enquanto ficará no Rio... E' lógico, há "Flama" sôbre a varinha de condão da Fada...

Enquanto isso eu, como sua fã número um, ao meu "Santo oro" para que ela mude de opinião e fique aqui entre nós...

★

João Lopes e Landa Lopes mudaram o título de seu argumento "O caçador de esmeraldas" para "O governador das esmeraldas", atendendo à uma sugestão do brilhante poeta paulista Guilherme de Almeida.

(Cont. na pág. 34)



Tony Curtis, o pugilista mudo de «Tormento da Carne»

TELAS DA

A INTRUSA

(JAPONESE WAR BRIDE)

Sem dúvida alguma, a decadência é um fato. King Vidor, o grande realizador do passado, é um exemplo que ilustra perfeitamente nosso conceito. Quem viu "Intrusa" percebe o quanto êle caiu e em que terreno êle caiu... (digamos, "lama") Abstraiamos o péssimo tratamento imposto ao tema pelo cenarista. Subtraiamos isto e nos localizemos sòmente na parte da realização, na *mise-en-scene.* São poucas as pessoas que resistem até ao fim desta película, com as suas situações falsíssimas, estúpidas, mentirosas até. Quem é que resiste por mais de meia hora, àquelas caretas do Don Taylor, que escondem sua canastrice e mesmo as de Shirley Yamagushi, bonitinha, mas sem dúvida alguma, péssima atriz.

O filme rescende às batidas histórias de Pearl Buck sôbre os orientais. Enche. Enoja porque faz parte de uma corrente política que quer esquecer Pearl Harbour.

Quem quiser escutar uma boa partitura musical que vá a êste filme. Mas de olhos fechados.

"Remember Bataan!"

Don Taylor e Shirley Yamaguchi, em «A Intrusa»



TORMENTO DA CARNE

(FLESH AND FURY)

A impressão inicial é que veriamos um «Mr. Belinda», mas a medida que a história se desenrola apreciamos um argumento diferente e bem humano. Justamente quando a história se complica é que o filme ganha em interêsse. Um tema esportivo mesclado com um drama de um surdo-mudo resulta numa película que a todos agrada e prende o espectador do princípio ao fim. Um pugilista surdo-mudo cai nas mãos de uma bailarina barata, depois aparece uma repórter cujo pai, notável arquiteto, também fôra surdo-mudo. O boxeador resolve fazer uma operação para recuperar a audição. O argumento ganha novo colorido. O choque com um mundo de sons que o surdo-mudo desconhecia cria situações bem interessantes, mas êle fica atordoado com o barulho, e contra a proibição do médico vai disputar uma luta com o campeão da categoria Estava quase perdendo porque os gritos da assistência o perturbavam, e um golpe do antagonista fá-lo voltar a surdez. Não escutando os gritos do público concentra-se no ataque ao adversário, e leva-o a lona. A película bem dirigida por Joseph Pevney destaca o desempenho sóbrio de Tony Curtis, no difícil papel de boxeur surdo-mudo, e Jan Sterling, defende-se bem na histérica bailarina. Wallace Ford convence como treinador. «Tormento da Carne» é um título mal achado, porque o filme é o choque de um surdo-mudo com o mundo dos sons. Melhor ficaria «O Tormento da Voz». Um bom espetáculo. L K.



Jan Sterling e Tony Curtis, o par romântico de «Flesh and Fury»

ADULTÉRIO

(Alto Di Accusa)

Quem é que não se lembra de Anunziata na grandiosa obra de Edward Dmytrick, "O Preço de uma Vida"?

E' difícil a quem viu o filme esquecê-lo e esquecer aquêle palminho de rosto que não é "atômicamente" bonito, mas é terno, é gracioso, é belo.

Lea Padovani, volta neste filme italiano, "Adultério".

Sem dúvida alguma, ela continua sendo a boa atriz, mas isto é mais advinhável do que visto, pois ela encarna um personagem inteiramente inadaptado a seu tipo.

A batida história policial amorosa e melodramática foi regularmente tratada pelos italianos. Fugiram a muitos lugares comuns. Cairam em muitos outros. Deram ao filme um tratamento cinematográfico regular. E sobretudo, tendo excelentes atores, conseguiram criar personagens aceitáveis, se bem que estereotipados.

Apesar das grandiosas aquisições da escola neo-realista italiana (Arroz Amargo, Ladrões de Bicicletas, Paisá, Trágica Perseguição, "Moinho do Pó e outros), o cinema italiano ainda continua se atendo, agora em menor escala, aos folhetins, como o francês, ao vaudeville e ao burlesco.

O espectador sai de "Adultério" sem vontade de conquistar mulheres casadas, ou tomando cuidado com a sua própria testa...

CIDADE

A. DINES



Vicent Price e Jane Russel, em «Caminho do Pecado»

A CAMINHO DO PECADO

(The Las Vegas History)

Uma novidade em matéria de perseguições. Helicópteros versus automóvel. E' o que nos traz êste filme que, abordando um excelente tema, a cidade de Las Vegas, perde-o estùpidamente.

Tendo nas mãos uma história sôbre a cidade da perdição dos Estados Unidos, deixaram escapar o que tal tema tem de valor e de possibilidades de generalização...

Novamente as caretas. Victor Mature e Jane Russel parecem que comeram algo de que não gostaram. Como trejeitam com o rosto, meu Deus! Isto é representar?

Pèssimamente narrado, o filme não coloca o espectador dentro dêle. O espectador boceja, mexe-se na cadeira, não aceita em absoluto as situações criadas e desenvolvidas.

Algumas músicas de Carmichael não salvam o filme do fracasso total.

Vincet Price, discreto.

Lea Padovani e Marcello Mastrojani em «Adultério»





Ethel Barrymore e Joseph Cotten, em «Jennie»

JENNIE

(Portrait of Jennie)

«Jennie», dirigida em 1949 pelo veterano William Dieterle, que já fêz muita coisa boa e ruim, é uma adaptação da novela de Robert Mathan «Retrato de Jennie».

Trata-se de uma obra com grandes intenções. Lembra devido ao tema abordado, o Arista, a sua Inspiração, e o Tempo, a obra de Jean Cocteau «Orfeu».

Mas peca, a semelhança da obra francesa, pelo tom pesado e cerebral, que o envolve desde o início com os epigramas de Keats e Eurípides e com os belos diálogos, mas que ficam inacessíveins a platéia.

Aliás, o mal dos realizadores é acreditar que pintando sua obra com côres fortemente «intelectuais» criam uma obra de Arte.

Arte, justamente é aquilo que não perdendo suas características essenciais, atinge maior número de pessoas.

Devido ao não compreender tôda a grandeza do assunto, o artista que se inquieta, que procura para dar um conteúdo humano a seus quadros, o Tempo reduzido a insignificância enquanto êle cria e vive, todo êste tema passa desapercebido ao espectador que só capta a trama amorosa, que considerada isoladamente é inverossímil.

Entretanto, formalmente o filme é de grande valor. Sobretudo no tratamento plástico-pictórico que se harmoniza perfeitamente com a música impressionista de Debussy usada como background. Aquelas projeções de partes da película sôbre uma matéria que lembra uma tela, a fotografia magistral mais lembrando pintura, a cidade de Nova York, os seus arranha-céus, usados bucòlicamente com decors naturais, todos êstes elementos valorizam imensamente a obra, pondo-a, inclusive, como marco.

Neste terreno há ainda a lembrar a experiência com película mono-côr, primeiro verde (na tempestade), depois rosa (no desfecho), contribuindo imensamente para dar fôrça as atmosferas diferentes destas seqüências.

Os atores todos (Joseph Cotten, Jennifer Jones, Ethel Barrymore e Lilian Gish) estão impecáveis, excelentes. «Jennie», é um filme que não deve ser perdido e visto com atenção.

Instante dramático de «Jennie», com Jennifer Jones e Joseph Cotten





VESTINDO «SINHÁ MOÇA». A costureira dos estúdios da Vera Cruz experimenta na estrêla Eliane Lage um dos trajes que ela veste no filme, sob o olhar sorridente da senhora Dezzone Pacheco Fernandes, autora do romance e de Oswaldo Sampaio, co-diretor do filme e autor do guião cinematográfico

vantagens oferecidas a produção indígena que necessita de fato de um amparo.

★

Antes mesmo do Congresso de Cinema realizar-se, percebe-se como êle será útil e necessário.

NOTA: — Devido a uma lamentável falha, esta seção em nosso último número, saiu assinado por nosso colega de redacão Alberto Dines. Por êste motivo, o nosso sério crítico foi vítima de dois atentados, recebeu 3 cartões de agradecimento, e sobretudo, 2 telefonemas, que eram para nós dirigidas.

A "FLAMA" INAUGUROU A SUA SALA DE IMPRENSA, SEGUNDA-FEIRA ÚLTIMA

Convidadas especialmente, dezenas de pessoas compareceram à inauguração da Sala de Impensa dos estúdios "Flama", nas Laranjeiras. Precedendo o coquetel com que foi encerrada a festividade, que contou também com a exibição especial do filme "Com o Diabo no Corpo" em que trabalham Luís Delfino, Patrícia Lacerda e Alice Miranda, teve lugar o ato inaugural do Departamento de Publicidade. O sr. Moacir Fenelon fêz a apresentação do Chefe de Publicidade, jornalista Clóvis de Castro Ramon, de "Diário Trabalhista", que foi saudado pelo confrade Joaquim Menezes, presidente da Associação Brasileira de Cronistas Cinematográficos e que cumprimentou o decano da imprensa especializada, cronista Mário Nunes, a quem a "Flama" reverencia, dando o seu nome à Sala de Imprensa. Mário Nunes agradeceu a homenagem de que estava sendo alvo. — Que mais pode desejar um homem, ao cabo de uma jornada de trabalho, que essa manifestação de amizade, como a que me está sendo prestada?... Eu já me sentia contemplado, na própria instituição de uma Sala de Imprensa, que me dava, naturalmente, um lugar e um direito. Como jornalista de cinema, via, ainda, com orgulho, ser escolhido um confrade, para nosso anfitrião. Mas, para completar essa alegria, recebo de surprêsa o batismo da Sala de Imprensa, de que passa a ser "xará". No agradecimento que dou à "Flama", fica também o meu "muito obrigado" a quantos contribuiram para essa homenagem, que pertence em escala maior à nossa querida ABCC.



Sônia Maria Dorse, estrêla mirim da televisão e uma grande promessa do cinema nacional. E' no filme «Queridinha do meu bairro», de Produções Ricci, a principal intérprete

Notícias e comentários do cinema nacional

Por JUSTUS

Depois de movimentados e concorridos trabalhos preliminares, deverá inaugurar-se dia 22, segunda-feira, nos salões do IPASE, o 1º Congresso Nacional do Cinema Brasileiro. A Comissão de Teses nos comunica que estas poderão ser enviadas por qualquer interessado, sendo o prazo máximo estipulado para a sua entrega, até a véspera do congresso. O Comité de São Paulo, informa igualmente que daquela cidade partirá uma caravana de 80 congressistas. O mesmo interêsse e entusiasmo tem sido provocado em outros pontos do país.

★

As imensas e inúmeras vantagens oferecidas no Brasil a uma produção cinematográfica bem organizada e bem financiada, começa a chamar a atenção dos produtores norte-americanos. John Wayne, além de alvoroçar seus fãs locais, trouxe igualmente uma interessante nova. Numa entrevista concedida aos programas "Falando de Cinema", da PRA-2, de Fernando Tôrres e "Cinema", na PRD-5, de A. Shatovsky, Wayne, "apertado" pelas perguntas dos dois repórteres, deixou escapar que pretende também produzir filmes no Brasil. Além de ser um dos atores mais bem pagos de Hollywood, o "grandalhão" é um dos principais acionistas da Republic. Atualmente êle produz um filme no Peru.

★

Para corroborar êste nosso palpite, temos a notícia de que igualmente Sol Lesser, está interessado em produzir no Brasil e que seus planos são para imediato início. O interessante destas notícias é que êstes senhores, produzindo filmes falado em inglês, com atores americanos, com técnicos, diretores e cenaristas americanos, revelados em laboratórios americanos, sejam considerados filmes nacionais e gozem de tôdas as



Eliane Lage, estrêla de «Sinhá Moça» e o diretor Tom Payne. Como vocês sabem, Eliane é espôsa de Tom. «Sinhá Moça», um dos mais prometedores filmes da Vera Cruz, foi extraído de um romance da sra. Dezzone Pacheco Fernandes por Oswaldo Sampaio, que é também co-diretor do filme

FARLEY GRANGER DOS AMÔRES FALHADOS

Depois que o romance entre Farley Granger e Shelley Winters redundou em nada, June Haver sugeriu que se fundasse imediatamente um clube das ex-namoradas dêsse simpático artista, para tratar de direitos que possìvelmente lhes assistiam. Dêsse clube «sui generis» fariam parte a própria June, Ann Blyth, Joan Evans, Geraldine Brooks e Shelley Winters. Agora por último a alemã Hildegard Neff também teria que se juntar a essa agremiação, pois já faz jus a ser pelo menos um membro honorário, tantas e tantas vêzes Farley tem saído com ela a passear.

Na realidade, Farley tem sido de uma enorme inconsistência com relação às mulheres e foi isso que June Haver quis dizer com aquela idéia de «Farley Granger's ex-girls Club». Sabe-se que êle procura um tipo ideal que poderia ter sido Shelley Winters se a loura atriz não tivesse preferido o italiano Vittorio Gassman. A verdade é que Farley adora a sua vida de solteiro que, do resto, não lhe traz obstáculos à bela carreira que está fazendo no cinema. E' a essa carreira que êle dedica todos os seus esforços no sentido de sempre progredir para não desmerecer a confiança que o público nele deposita. Pode-se mesmo afirmar que todo o motivo de suas frustrações amorosas reside no fato de que êle se concentra muito mais em seu trabalho que em desperdiçar tempo com amizades inconseqüentes.

Recordemos, agora que êle já vai fazer dez anos de cinema, o início de sua carreira. Foi em 1942 que Samuel Goldwin assistindo a uma representação teatral de estudantes observou que se a comédia era tola, o rapaz que arcava com o principal papel não ia mal. O rapaz era Farley Granger que, nesse ponto, dava início a sua carreira cinematográfica. Tinha então dezessete anos de idade, pois nasceu no dia 1 de julho de 1925, em San José da Califórnia.

Ligado a Sam Goldwin por um longo contrato, Farley estreou nas telas em 1943, desempenhando um pequeno papel em «A Estrêla do Norte», de Lewis Milestone, ao lado de Dana Andrews e Anne Baxter. No ano seguinte, ainda sob a direção de Milestone, fêz «The Purple Heart», com Dana Andrews e Richard Conte. Infelizmente, essa trajetória tão bem iniciada, Farley teve que interrompê-la para fazer o serviço militar que lhe absorveu quase três anos no curso de seus sucessos.

Retornando aos estúdios em 1948, Farley estava disposto a reencetar com a dedicação e o entusiasmo que lhe são peculiares os seus trabalhos. Dessa época em diante podemos dizer que não sopraram ventos maus para o seu lado, pois, devemos acrescentar que sempre lhe ofereceram bons papéis que êle valorizava com a inteligência de seu desempenho antes de tudo sincero.

Sua filmografia já conta êxitos como «Enchantement» (1948), de Irving Reis, com Teresa Wright e David Niven; «Rope» (1949), com James Stewart; «Edge of Doom» (1949), com Joan Evans e mais recentemente «Strangers on a Train» (1951), de Hitchcock, com Robert Walker e Ruth Roman. No momento Farley trabalha sob as ordens de Charles Vidor em «Hans Christian Andersen», com Danny Kaye e Renée Jeanmaire, já estando também escalado para aparecer ao lado de Leslie Caron e Paula Raymond no episódio «Mademoiselle», do filme «Three stories of love», de Vincent Minelli.

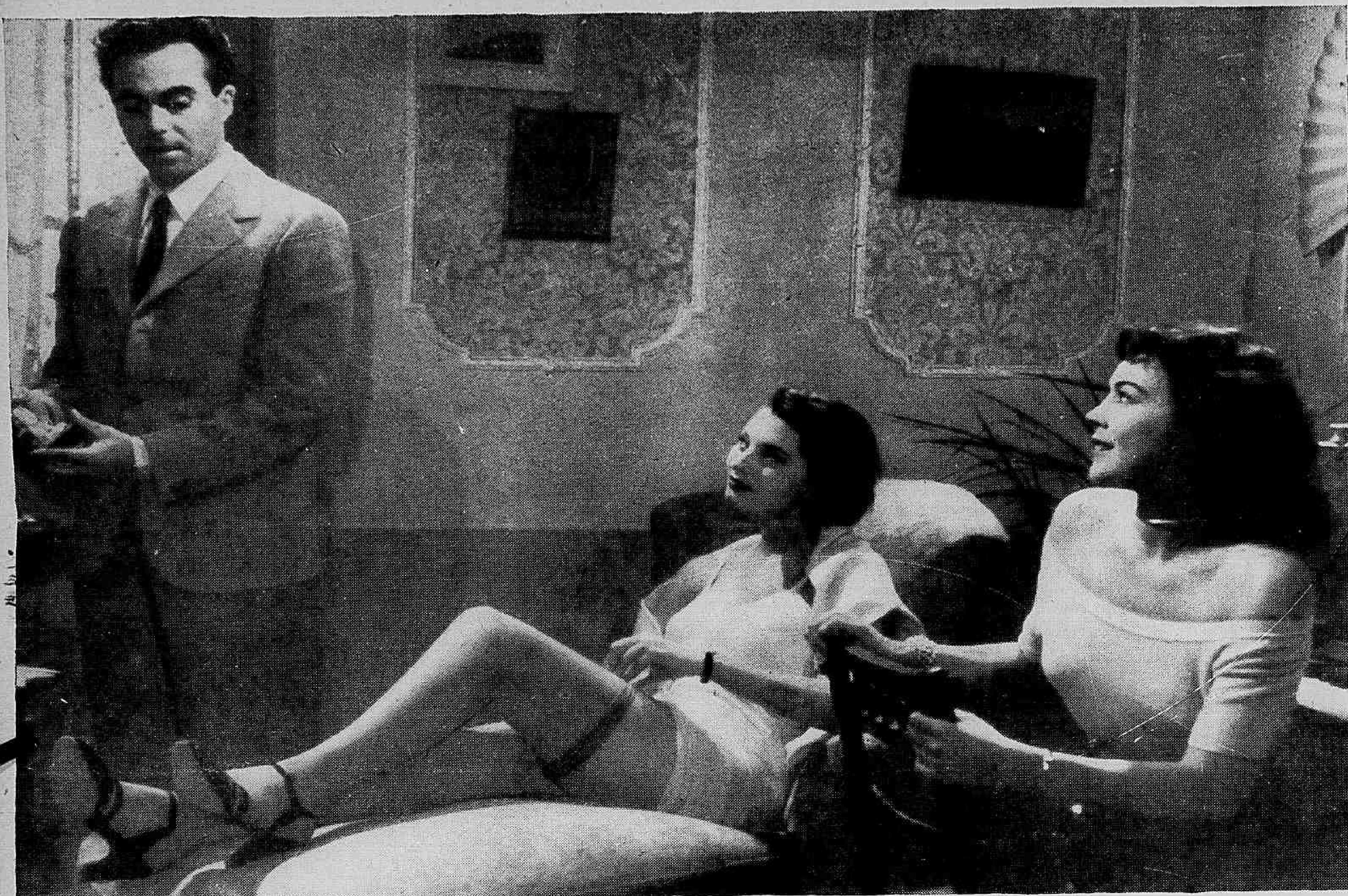
Considerado menos como ator que como homem, Farley é um rapaz como outro qualquer de sua idade. Seu grande ideal é o de viajar, de conhecer outros povos e de se ilustrar cada vez mais. Farley diz que um ator precisa de tanta imaginação como um escritor e êle não dá tréguas a êsses pendores, pois, a leitura é exatamente o seu passatempo predileto. Pela manhã costuma ouvir música logo que desperta e quando está em Nova York freqüenta teatros de ópera e de ballet, visita as Bibliotecas e, finalmente, procura aqueles meios de ilustração que mais dificilmente se encontram do lado do Pacífico.

Farley não é de origem humilde. Mas também não proveio das altas esferas. Seus pais são exemplos típicos de pessoas da classe média e por isso êle enfrenta o seu trabalho como um meio de vida e não por simples espírito de diletantismo. Nisso vemos a razão de ser êle um bom ator de quem ainda podemos esperar grandes «performances».

Mas, como frisamos no título, seus amôres são inconsistentes e até agora êle teve a desventura de vê-los todos falhados. De uma coisa estamos certos e é que, baseados em suas próprias afirmativas, êle não se casará com uma moça ùnicamente porque ela tem os cabelos louros ou escuros. O que êle procura numa mulher é a beleza que vem de dentro, a personalidade ou mesmo aquêle quê de inexplicável que sobrepaira à simples beleza física. E se o rapaz é movido por tão belas intenções, devemos perdoar-lhe a volubilidade no tratamento com as filhas de Eva e ver nele o grande ator que tem procurado ser.



Farley Granger e uma das sócias do clube das suas ex-namoradas, Joan Evans



Cine-romance

MERCADO INFAME
(LEBBRA BIANCA)



ELENCO:

LOIS MAXWELL — ERMANO RANDI — JUAN DE LANDA — MASSIMO SALLUSTI — GIULIO DONNINI — FOLCO LULLI com a participação especial de AMEDEO NAZZARI e UMBERTO SPADARO

Direção : Enzo Trapani — Técnica: Argumento de Adriano Belzoni e Enzo Trapani - Roteiro Cinematográfico de Leopoldo Trieste, Giuseppe Mangione e Enzo Trapani — Decoração de Giorgio Veccia — Fotografia de Adalberto Albertini — Montagem de Giuseppe Vari — Músicas de Henguel Gualdi, Vincenzo Falcomatà, Braulio Perez, Charlie Beal

Um jovem rapaz de semblante aberto e demonstrando lealdade, chega em uma manhã a cidade para tratar de uns assuntos e aproveitar a oportunidade para ver sua irmã, Lúcia que, segundo o que êle sabe, trabalha em casa de uma riquíssima família. Os habitantes daquela cidade dedicam grande atenção ao jovem. Êle desperta a curiosidade do povo devido seus olhos vivos e um pouco atordoados. Talvez o rapaz esteja estonteado diante de muita gente. Quem sabe não estar acostumado com multidões? Será? Êsses são os seus primeiros contatos com uma grande cidade... De fato o jovem está deslumbrado e se sente feliz diante de tanta beleza. Em seguida, com os dias que se passam o destino lhe arma e prepara para uma grande aventura.

A família para a qual Lúcia, sua irmã havia trabalhado, tinha mudado para uma outra cidade e nem sequer haviam deixado o endereço. Porém, com as informações obtidas, o rapaz descobre que muito antes sua irmã tinha deixado o emprêgo. Estevão, êste é o nome do jovem, descobre casualmente em uma maleta deixada por sua irmã com uma moradora da cidade, o nome de uma mulher —

Erika Wolker — e o seu endereço. Movido por uma curiosidade legítima, Estevão vai imediatamente ver Erika pedindo-lhe notícias de Lúcia.

Chegando à casa de Erik, Estevão trava amistosa palestra a fim de conseguir furar aquela cortina de mistério que envolvia o desaparecimento de Lúcia. Com o desenrolar da conversa, consegue descobrir que Erika é uma mulher capaz de muitas irregularidades e que sua irmã está muito bem. Com o decorrer dos dias e das visitas a Erika, Estevão descobre ainda que em seu coração existe uma chama provocada pelos encantos da formosíssima Erika. Certa tarde, Estevão bate a porta de Erika com um lindo ramo de flores. Segundo informações de alguem, descobre a mulher em um dos lugares mais inesperados possíveis. Ela era dançarina de um clube noturno. Diante da surprêsa de Estevão a mulher é obrigada a confessar todo o seu segrêdo afim de apaziguar a situação. E' que a sua chegada inesperada a cidade fêz com que uns indivíduos ficassem de sobreaviso. Êles estiveram implicados no caso do desaparecimento trágico de sua irmã. Na verdade, Lúcia havia se suicidado com o objetivo de fugir de uma existência de negócios desonestos, de vícios e da degradação moral e física a qual êles haviam-na encaminhado... São êstes mesmos homens que encarregam Erika que, como Lúcia, também se encontra atada a êles pelos élos do vício, de fazer com que Estevão se afaste do caminho para não descobrir o negócio da traficância de drogas. Erika não segue avante o plano da quadrilha. Um sentimento novo e estranho havia tomado seu coração. Um sentimento que lhe proibe de atuar com sua habitual frieza e habilidade; é um sentimento de amor puro por um homem são e espiritualmente limpo que havia aparecido em sua vida.

O comandante (nome dado ao chefe da sórdida organização da qual Erika é uma das vítimas), Carlos (o homem que até aquêle momento, antes de Erika ter encontrado Estevão, havia lhe dominado em todos os sentidos), e todos os componentes daquela maldita quadrilha, verificam que agora, Erika está de fato apaixonada por Estevão e que isto representa uma grave ameaça para êles. Há uma grande necessidade de afastar Estevão. Êle terá que sumir do caminho dêles mesmo que seja a custo de tiros. O perigo aumenta ainda mais quando o rapaz declara a polícia que sua irmã era uma «cocainomaníaca» e que havia morrido em circunstâncias misteriosas.





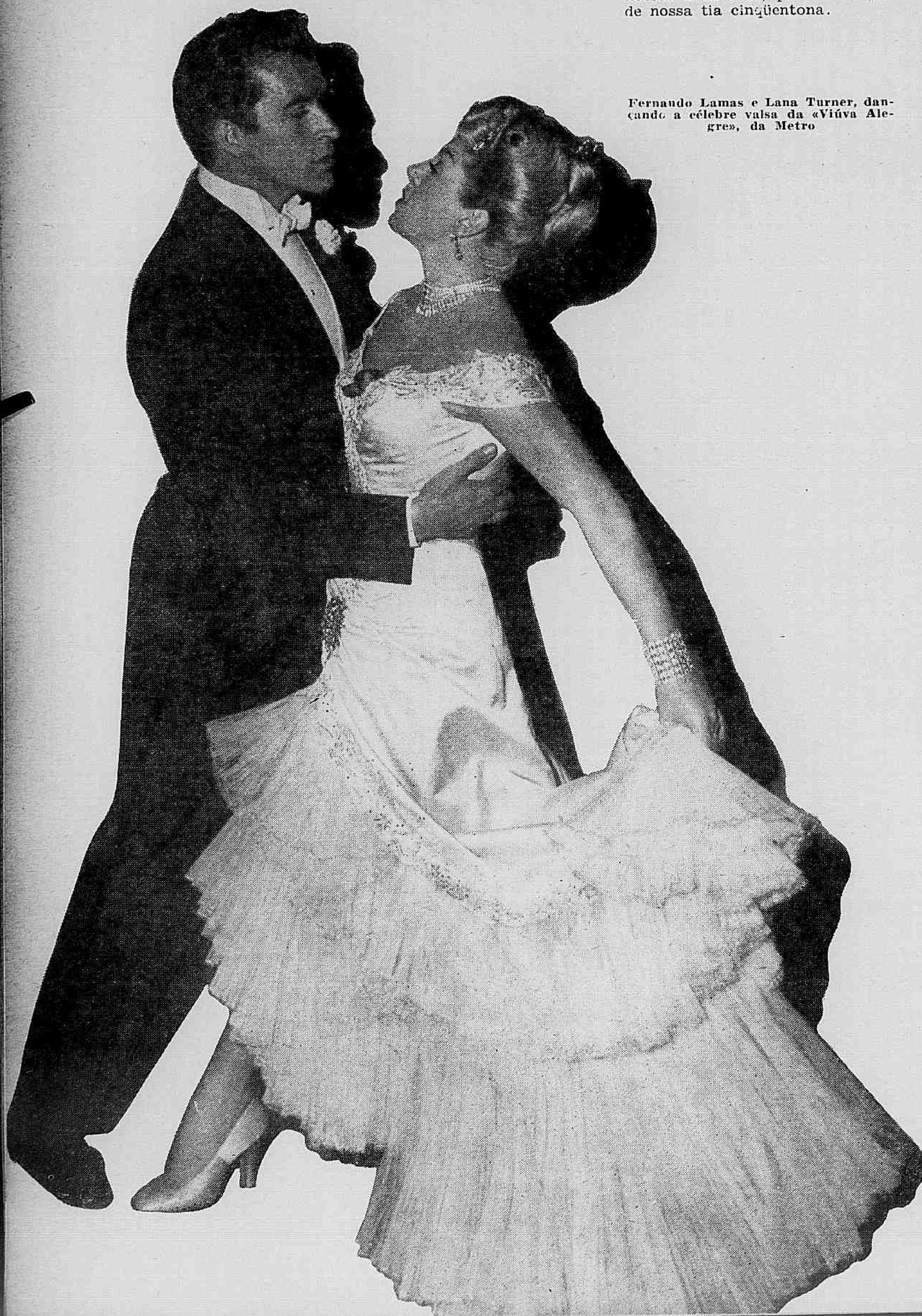


Alimentando ainda mais o vício de Erika, e aproveitando-se do seu espírito e físico enfermos, «o comandante» e Carlos dão-lhe ordens para terminar com a existência de Estevão, impondo à jovem que dê uma aparência de suicídio. Que arranje um meio dêle aparecer enforcado! Erika que não pode fazer qualquer fôrça em sentido contrário, encaminha-se corajosamente para levar avante sua missão. Os homens do «Comandante» e de Carlos estarão por perto dos jovens, dispostos a atuar, se por acaso Erika falhar ou se o plano der mal resultado. Durante êste encontro justamente é que Estevão confessa a Erika sua grande paixão, e ainda mais, afirma que poderá curar sua cegueira pelo hediondo vício. Porém, a salvação de ambos chega mesmo é com uma grande surprêsa. Como nos contos de fadas, a polícia aparece tomando as devidas providências. O amor de Estevão e Erika, a recordação patética de Lúcia, que havia buscado a salvação na morte, é a afirmação fatal da fôrça do bem sôbre o mal. Isto resulta positivamente a dramática história fazendo com que Erika abra os olhos sôbre a dor dos homens e de gritar mensagens de amor e esperanças a todos aquêles que se deixaram contaminar por aquêle vício mais perigoso que a «lepra», que é uma terrível enfermidade do corpo e da alma. Também para êstes,, os viciados, existe um sentimento nobre e puro para levar-lhes a fôrça de redimirem-se e seguirem novamente o caminho até a sua completa salvação.

ESTRÉIAS no MUNDO do CINEMA

"THE MERRY WIDOW" (A Viúva Alegre).

Esta é, em exatamente quarenta anos, a quarta versão para o cinema da popular opereta de Franz Lehar e acreditamos que ainda não será a última. Muitas e muitas "Viúvas Alegres" terão que vir até que chegue o ano 2.000, pois, nos nossos cálculos há sempre uma "Viúva Alegre" para cada geração de vinte anos, considerando-se que muitas gerações podem florir dentro de quatro décadas. Esta, com Lana Turner e Fernando Lamas, é a nossa; como a de 1934, com Jeanette Mac Donald e Nelson Eddy, foi a do nosso irmão mais velho; a de 1925, com Mae Murray e John Gilbert, a de nossos pais e como foi a de 1912, com Alma Rubens e Wallace Reid, já não dizemos a de nossos avós mas, pelo menos, a de nossa tia cinqüentona.



Fernando Lamas e Lana Turner, dançando a célebre valsa da «Viúva Alegre», da Metro

Não nos parece necessário discorrer sôbre êsse filme, mesmo porque não há quem ignore sua história trivial e sua partitura de fim de século que nem por isso desagradam ao nosso ingênuo coração de criança que sempre somos.

Nesse tecnicolor da Metro, temos o par Lana Turner-Fernando Lamas como a viúva Radek e o Conde de Marshovia, cantando, dançando, amando, beijando dentro de uma "féerie" que sempre tem o seu lugar aos olhos do público.

Prognóstico: Um dos pontos altos do filme será, sem dúvida, a direção de Curtis Bernhardt. E é justamente por fôrça de seu nome que acreditamos ser o filme excepcional em seu gênero, naturalmente levando-se e mconta as limitações da opereta de Lehar.

"SINFONIA DE UMA CIDADE" (Sous le ciel de Paris)

O filme enquadra um aspecto da vida parisiense onde se movimentam personagens vindas de diferentes partes cada qual com sua história própria e com seus motivos particulares de ali se encontrar: uma moça provinciana, um médico, um operário, uma menina e uma senhora. Pouco a pouco suas histórias se fundem e se entrecortam, nascendo daí a sintaxe da narrativa, técnica em que é mestre o diretor Julien Duvivier (Pepé Le Moko e Um Carnet de Baile).

Há nesse filme um acentuado vigor cinematográfico que transforma a matéria puramente de narração em obra de relevante valor artístico. Seus intérpretes principais — Brigette Auber, Christiane Lenier, Raymond Hermantier e Daniel Irvenel — não são "medalhões" da tela francesa, mas asseguram a essa obra de Duvivier um nível apreciável de homogeneidade artística. De fato, a principal personagem do filme é mesmo a cidade de Paris, hoje, mais que nunca, decantada pela sétima arte.

Prognóstico: A assinatura de Julien Duvivier autoriza-nos a considerar êsse filme um notável trabalho cinematográfico.

"O AMOR NASCEU EM PARIS"
(*Lovely to Look At*)

Indiscutivelmente o cinema que estamos vendo de 1950 para cá tem vivido quase que sòmente de refilmagens. No gênero musical, sobretudo, a crise do ineditismo é de estarrecer. "O Amor Nasceu em Paris" nada mais é que "Roberta", filme que constituiu, há mais de quinze anos, um dos grandes sucessos de Irene Dunne, Ginger Rogers e Fred Astaire, todos ainda em pleno exercício de suas atividades artísticas. Desta vez os nomes são diferentes — Kathryn Grayson, Howard Keel, Red Skelton, Marge & Gower Champion — mas a história é a mesma, a música é a mesma, como mesma são as situações cômicas apenas retocadas com a indispensável estilização contemporânea.

Prognóstico: Estamos diante de um musicolorido com todos os ingredientes que fazem o sucesso do gênero: melodias, "girls", luxo e muitas piadas.

O QUE A TELA NÃO MOSTRA...

Por LÍVIO DANTAS

Nem sempre o divórcio representa um ponto final nas amarguras de um artista. Tyrone Power, por exemplo, passando anualmente para Annabela a pequena fortuna de 50.000 dolares, não tem lá essas razões para se julgar um homem completamente feliz. O ideal para Tyrone, a fim de ver-se legalmente livre de tão onerosa obrigação, seria que sua ex-espôsa arranjasse um marido, o mais breve possível. Mas, não nos consta que a francesa esteja cogitando disso, pois não é nenhuma criança...

★

Dolores del Rio se explicando em Madri: "Hollywood queria fazer de mim uma coisa intermediária entre Theda Bara e um leopardo".

★

Os que vão a cinema neste hemisfério meridional não podem se blasonar de conhecer Irene Pappa. Para nossa tristeza, a Pappa é da Grécia, a Grécia é da Europa, a Europa é do hemisfério setentrional e não nos cabe nenhuma culpa nessa distribuição geográfica do orbe. Aliás, nós também não sabemos grandes coisas da Pappa, a não ser que é artista do cinema grego, que quiz fisgar Ali Khan e que tem uma vontade imensa de se projetar em Hollywood. Até aí, nada de mais. Mas, no passado Festival de Cannes, a grega conheceu o velhinho Mack Sennet, o homem que descobriu o "maillot" como um poderoso recurso cinematográfico, isso há muitos, muitos anos. Pois bem. O Festival de Cannes é fato inteiramente obsoleto e a Pappa continua enviando, tôdas as semanas, para o macróbio Sennet maços de cigarros gregos com seu retrato por baixo do celofane. E' pena que essa moça não leia A CENA, pois daqui lhe aconselhamos a parar com êsses presentes porque nem Mr. Sennet fuma e nem dispõe mais da menor influência em Hollywood. Mas é claro que a gente não pode saber tudo que se passa no mundo!



Allan Ladd, um dos poucos louros que fizeram sucesso na terra do cinema



Dolores Del Rio quando não achava que Hollywood era uma fantasma, e recebia do famoso Mr. Johnson, presidente do Motion Picture, uma singela homenagem

★

John Wayne estêve passeando no Rio e se esqueceu de dizer porque não trouxe a sua espôsa Esperanza Baur. Mas nós sabemos porque. E' que os dois andam estremecidos, há vários meses. Wayne dedica um afeto todo especial à sua primeira mulher Josephine Saenz, coisa que a Esperanza não tolera, no que tem carradas de razão.

★

No cinema nacional tudo vai deslizando num tapête de rosas, ou como num seio de Abraão, ou ainda como num paraíso regado a mel e leite. Ninguém briga, ninguém faz picuinhas, ninguém tem ciumes de ninguém. Trabalha-se num ambiente de ordem e progresso. Mas, que diabo! Isso deve ser muito monótono!

★

Paulette Goddard escolhe seus maridos na razão direta do quadrado de... sua celebridade. Antes foi Chaplin. Boa praça. Depois... sim, depois ela botou a exceção na regra. Agora anda pendurada pelo braço de Erique Maria Remarque.. Ora, vejam...

★

Silvana Pampanini estava linda, linda na tela subterrânea do cineminha Rivoli. Apenas o neo-realismo dos filmes italianos é que nos parece mais um eufemismo...

★

Aviso aos rapazes que sofrem de cine-tropismo: uma recente estatística revela que os homens louros têm magras possibilidades de vencer no cinema e que se contam pelos dedos os que fazem sucesso na tela. John Lund, Allan Ladd, David Brian, Van Johnson (louro avermelhado) e poucos outros. Quanto às mulheres, dá-se justamente o contrário. Portanto, podem continuar com suas abluções de H2O2 que isso dá muita personalidade cinematográfica. Se mesmo assim os resultados não forem de fazer inveja a Betty Hutton, então — paciência! — analisem direitinho seus plexos anatômicos, porque a culpa não foi certamente do cabelo.



Cine-romance

UMA AVENTURA NA ÁFRICA



(THE AFRICAN QUEEN)

Produção de S.P. Eagle — Direção de John Huston — United Artists

ELENCO:

Charles Allnut	HUMPHREY BOGART
Rose	KATHARINE HEPBURN
Missionário	ROBERT MORLEY
Comandante do «Louisa»	PETER BULL

Em 1914, ao estourar a primeira guerra mundial, tropas do Kaiser, aquarteladas na África Oriental Alemã, incendeiam uma aldeia do Congo e expulsam os seus habitantes negros. Êstes eram, a bem dizer, pupilos espirituais de um missionário inglês, que ali pregava o evangelho, juntamente com a irmã, Rose. Todo o trabalho penoso e dedicado de civilização, que os evangelistas haviam realizado, desaparece na fumaça do incêndio.

Durante os dias que se seguiram ao desastre, o missionário vai, pouco a pouco, perdendo a memória. Finalmente enlouquece e, numa crise forte, vem a falecer.

Nesse mesmo dia chega à pequena povoação da selva, a lancha «A-





frican Queen», simples embarcação a vapor, manejada por Charles Allnut, homem rude, dissoluto e que gostava de uma boa garrafa de «gin».

Rose, irmã do missionário, pede-lhe auxílio, implorando que a leve daquele lugar, descendo o rio até uma das cidades do Congo.

Charles aceita-a como passageira bem contra a vontade, pois seu desejo era passar a guerra, refugiado no interior da selva. Rose, porém, animada por exaltado patriotismo, insiste com êle para que sigam o rio abaixo, a caminho de um lago para ali destruir o navio alemão «Louisa», que patrulhava as suas águas. O plano é fantástico e de difícil realização, mas Rose é mulher decidida. Assim, Charles cede, a contra-gôsto, seguindo pelas correntezas em direção ao lago. Rose aprende a manejar o leme e prova ser mulher corajosa. Conseguem, com grande maestria, passar pelas proximidades de um forte alemão, na margem do rio, escapando do fogo das tropas ali aquarteladas. A aventura é pontilhada de mil incidentes, mas, com tenacidade e coragem, Rose e Charles passam pela primeira catarata. O momento perigoso faz com que êles compreendam que a hostilidade dos primeiros dias havia passado e que a convivência ia criando para ambos um ambiente de afeição e carinho.



Em breve, depois de vencerem mil perigos, enfrentando o rigor da selva com seus insetos e animais, Rose e Charles sentem que já não podem esconder o amor que os anima. Num determinado momento, Charles a toma em seus braços e a beija. Rose fôra beijada pela primeira vez. O seu coração de solteirona exulta e para ela começa uma vida nova ao lado daquele homem que, mesmo não sendo o mais puro e mais íntegro dos cavalheiros, era corajoso e a amparava na hora mais aflita de sua vida.

Rose é a inspiração de Charles. Quando a lancha sofre avarias na hélice, Rose o anima e o ajuda a consertar o estrago. E' ela ainda quem concebe a idéia de preparar dois torpedos para com êles destruir o navio «Louisa». Usando dois cilindros e gelatina explosiva, que carregava a bordo, Charles improvisa os torpedos, ajustando-os à proa do «African Queen». Pretendem, assim, durante a noite, logo que chegam às proximidades do lago, destruir o «Louisa», torpedeando-o.

O plano falha, em virtude de forte temporal que afunda o «African Queen». Salvos das águas, são levados à presença do comandante alemão. Sendo ambos súditos britânicos, o comandante os interroga, acusando-os, finalmente de espionagem.

A pena é de morte, pelo suplício da fôrça. Rose e Charles pedem a êle que os case, antes de consumar a sentença.

No momento exato da execução, o barco alemão bate no casco submerso do «African Queen» e explode.

Rose e Charles, lançados às águas do lago, conseguem escapar, nadando para a margem do rio...







«O Xeique Branco» uma sáti[...]

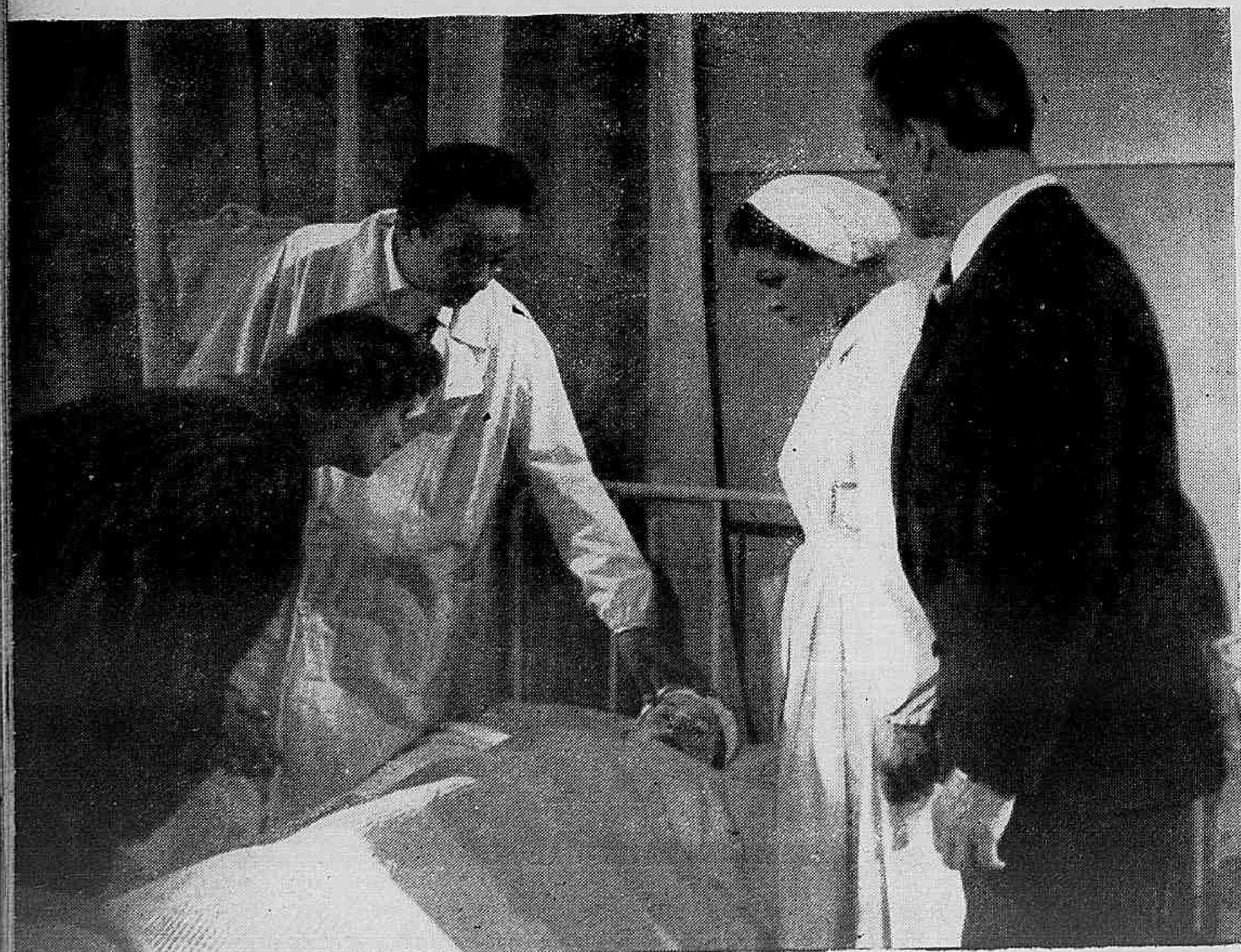
''EURO[...]
E OUTROS SUCES[...]
NO FESTIVAL[...]

(Fotos U[...]

ALTRI TEMPI (Outros Tempos) — Direção de Alessandro Blasetti — Fotografia de Carlo Montuori e Ga... r Pogany — Interpretação de Aldo Fabrizi, Vittorio De Sica, Luici Cimara, Andrea Checchi, Gina Lollobrigida, Roldano Lupi, Elisa Cegani, Amedeo Nazzari, Rina Morelli, Paolo Stoppa e Sérgio Tofano — Produção Cines.

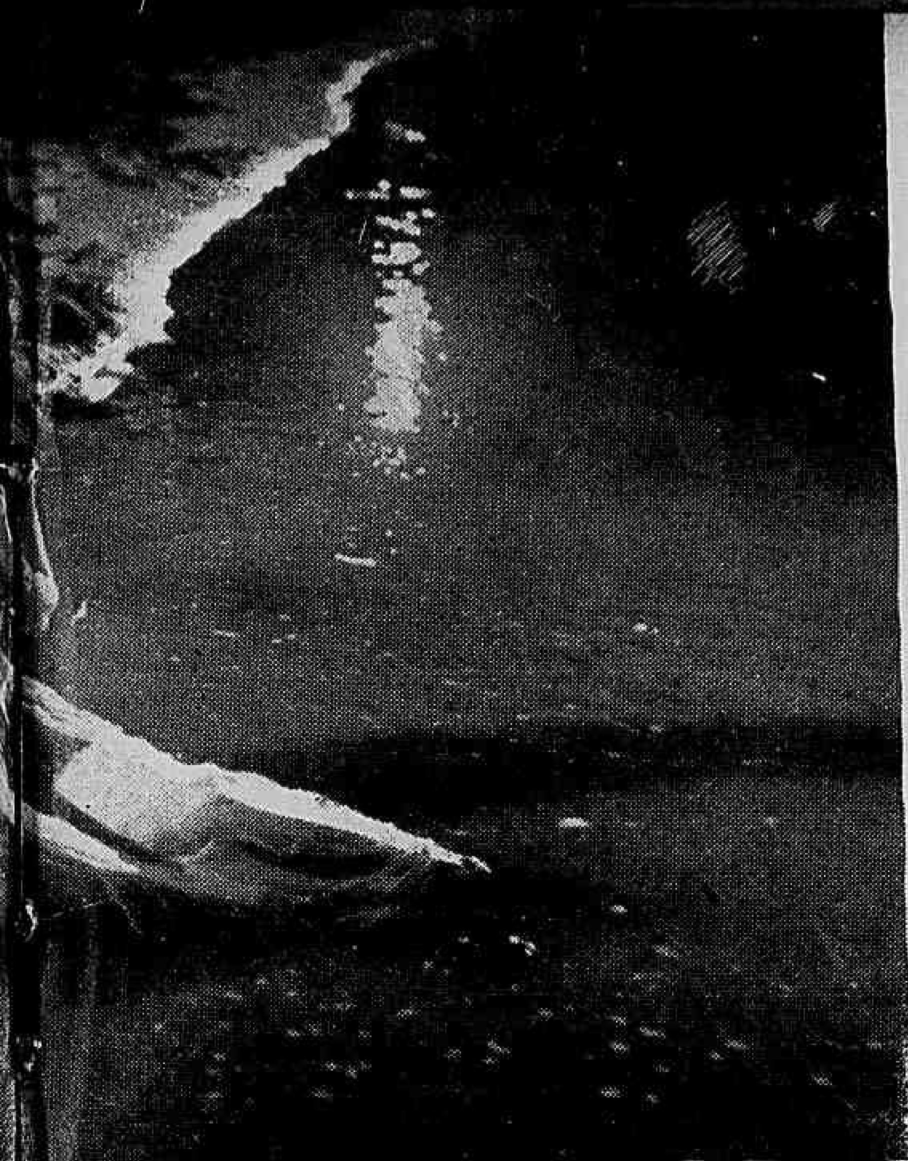
O filme compõe-se de uma série de episódios inspirados em autores italianos de fim do século passado e unidos uns com os outros pela figura de um vendedor ambulante de livros usados. Os episódios dramáticos revezam-se com os episódios cômicos. Os contos nos quais se inspiraram são da autoria de Camillo Boito, Edmondo De Amicis, Edoardo Scarfoglio, Guido Nobili, Luigi Pirandello e Renato Fucini. O filme, que se inicia com uma reconstituição parcial de trechos de um famoso bailado do fim do século passado, o «Ballo Ex-

Ingrid Bergman em duas cenas de «Europa 51»



Outra cena [...]





…à às histórias em quadrinhos italianos

…OPA 51''
…ESSOS ITALIANOS
…AL DE VENEZA

…os Unitália)

ce'sior», insere no final, antes do último episódio, um «pout-pourri» das mais conhecidas canções daquele tempo, ambientadas em Nápoles e Veneza.

LO SCEICCO BIANCO (O xeique branco) — Direção de Federico Fellini — Fotografia de Arturo Gallea — Interpretação de Brunella Bovo, Alberto Sordi, Giulietta Masina e Leopoldo Trieste — Produção PDC.

Trata-se de uma comédia na qual se satirizam as histórias em quadrinhos, que na Itália, recentemente, não são desenhadas mas apresentadas em fotografias para as quais existem «troupes» especializadas. O filme apresenta uma jovem espôsa, em viagem de núpcias, que, aproveitando o sono do marido, vai à procura do «xeique branco» de certa história em quadrinhos que muito a impressionou, ou melhor, do homem cujas fotografias em trajes de xeique dão vida à história em

(Cont. na pág. 34)

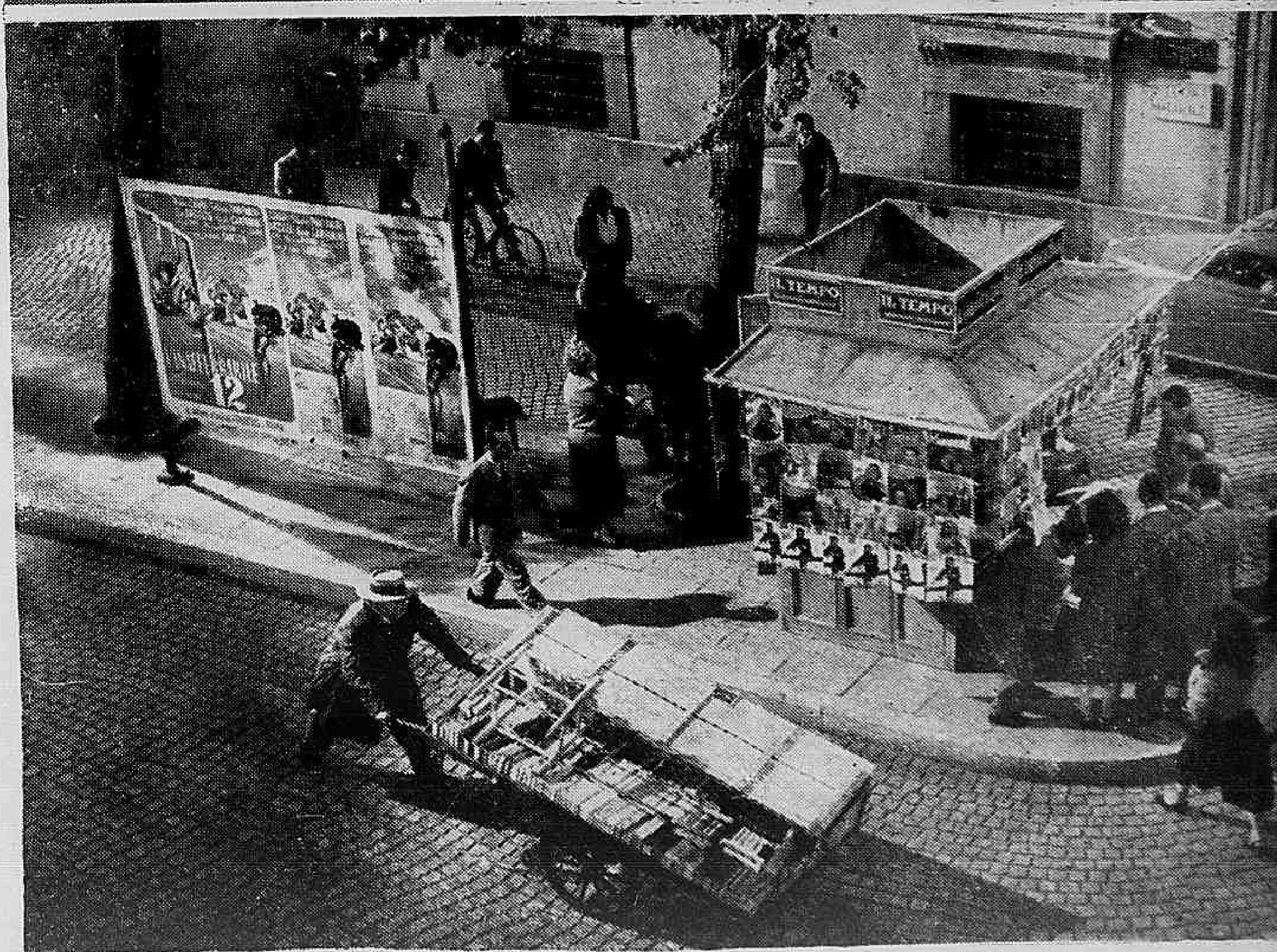
…a e «O Xeique Branco»



Três cenas de «Outros Tempos», película valorizada por astros de primeira grandeza: Aldo Fabrizi, Amedeo Nazzari, Gina Lollobrigida, Vitorio de Sica, Roldano Luppi, Andrea Chechi e outros









Desvendada a idade de Shelley Winters para o leitor João José. Eis a estrêla loura fazendo o seu protesto ante as demonstrações artísticas de Alex Nicol, durante os intervalos de «Ao compasso da Vida», da Universal

O FÃ PERGUNTA:
"A CENA" RESPONDE

F. Tabolassi — São Paulo — «... peço-lhe por gentileza publicar a relação dos filmes da Fox que serão exibidos no Rio em 1952 e 1953».

R — A programação da 20th Century Fox para o restante de 1952, é a seguinte: «Missão Perigosa em Trieste», com Tyrone Power, Patricia Neal e Hildegard Neff; «A Hora da Vingança», com Humphrey Bogart e Ethel Barrimore; «A Lei do Chicote», com Peter Lawford e Maureen O'Hara; «Cavalgada de Paixões», com Jean Peters e David Wayne; «À Sombra dos Palmeirais», com Jane Greer, Mitzi Gaynor e William Lundigan; «A Família do Gênio», com Jeanne Crain, Debra Paget, Myrna Loy e Jeffrey Hunter; «Fugindo ao Passado», com Dale Robertson e Joanne Dru; «O Homem do Dia», com Dan Dayley e Joanne Dru; «Párias do Vício»», com Anne Baxter, Dale Robertson e Miriam Hopkins; «Almas Desesperadas», com Richard Widmark e Marilyn Monroe; «Um Grito no Pântano», com Jean Peters e Jeffrey Hunter; «O Modêlo e a Casamenteira», com Jeanne Crain e Scott Brady e «Joguei Minha Mulher», com Claudette Colbert, Mac Donald Carey e Randolph Scott. Relativamente ao ano de 1953, a programação da Fox ainda não está elaborada, mesmo porque os filmes ainda estão sendo rodados nos estúdios.

Fã de Ginger Rogers — Pôrto Alegre — «... quais os títulos originais dos filmes «Seis Três Amôres», «Que Papai não saiba», «A Mulher que não sabia amar» e «O marido não queria»?

R — Pela ordem de sua citação: «Tom, Dick and Harry», «Vivacious Lady», «Lady in the Dark» e «The Groom wore Spurs».

D.S.M. — Distrito Federal — «... alguns dados biográficos de Robert Ryan».

R — Robert Ryan nasceu em Chicago no dia 11 de novembro de 1909, filho de pais irlandeses. Começou no teatro onde teve oportunidade de trabalhar com Louise Rainer e Tallulah Bankhead. E' casado com Jessica Cadwaladar, sua ex-companheira de «tournées» teatrais e tem três filhos. Estreou no cinema em 1940 no filme de James Hogan «Queen of the Mob».

Ciro Tessini — Distrito Federal — «... quantos filmes fêz Danielle Darrieux em Hollywood?»

R — Apenas três. Um feito ainda antes da guerra: «A Sensação de Paris» e dois outros rodados recentemente e que estão sendo exibidos no Brasil: «Rica, Moça e Bonita» e «Cinco Dedos».

S. Ramos — São Paulo — «... de que filme é aquela seqüência que Norma Desmond (Gloria Swanson) apresenta em sua casa, no filme «Crepúsculo dos Deuses?»

R — A seqüência é do filme «Queen Kelly» que Gloria Swanson estrelou, em 1928, sob a direção de Erich von Stronheim. Não sabemos se, em seu tempo, êsse filme passou no Brasil.

João José — Distrito Federal — «... qual a idade de Shelley Winters e seu primeiro filme?»

R — Shelley tem 29 anos. Nasceu em St. Louis, Missouri, no dia 18 de agôsto de 1923. Seu primeiro filme foi «Nine Girls» (1944) com Ann Harding e Evelyn Keys. Casou-se pela primeira vez com Mack Paul Mayer de quem se divorciou em 1947. Atualmente é a espôsa do ator italiano Vittorio Gassman.

Breno — **Santos** — «... Bette Davis já cantou alguma vez no cinema?»

R — Não sòmente cantou como dançou «Jitterburg» em «Thank You Lucky Stars». Chamava-se «They're either too young ot to old» a canção que Bette interpretou naquele filme.

Aracy — **Cuiaba** — «.. Carmen Miranda abandonou o cinema?»

R — Ainda não. Carmen aparecerá brevemente ao lado da nova dupla cômica Dean Martin e Jerry Lewis, em «Scared Stiff», da Paramount.

CINE-CRÍTICA DO LEITOR

ARTISTAS OU MANEQUINS

DURVAL FONSECA

O cinema americano sempre explorou o tipo denominado «manequim», e nesta galeria destacaram-se Rodolfo Valentino, cognominado o «latino romântico», Ramon Novarro que foi apresentado como seu sucessor, Ricardo Cortez, George Raft (que o céu o perdoe), apresentado naquele filme «Noite após Noite», como o sucessor de Valentino, Ben Lyon, e uma infinidade dêstes artistas denominados «bonitões» que aparecem e desaparecem, sem apresentarem numa longa lista de filmes que trabalham, um papel de destaque, que mostre a sua personalidade como artista. Já que gosam de imensa popularidade entre as fãs, não têm performance como os chamados feios, Spencer Tracy, Paul Muni, Clarck Gable, Charles Laugthon, etc. Há alguns anos atrás quando Constance Bennet brilhava no firmamento de Hollywood, em entrevista, dizia que os seus galãs eram escolhidos entre os bonitões, e serviam apenas para as cenas românticas. Daí o seu nome ocupar sempre o tôpo de qualquer filme. A filha do velho Richard Bennet, grande artista do cinema mudo não cedia a outro qualquer artista o estrelato, e ela que era uma «manequim» e nada apresentando de arte perante muitas de suas colegas da Paramount, e mesmo da Warner.

Neste tipo de «manequim» apontou um galã que ainda hoje brilha no firmamento de Hollywood, êste é Robert Taylor, artista que a Universal apresentou e foi fazer uma carreira na Metro, onde apareceu em «Melodia da Broadway», com Eleanor Powell e aparecia para esmurrar Jack Benny, e devido ao seu sucesso entre as meninas românticas tem aparecido em uma centena de filmes, sempre coestrelando artistas famosos como «Quatro Camaradas», com Margaret Sullavan, Robert Young; «Um Yankee em Oxford», com Mauren O'Sullivan; «Garôta do Interior», com Janet Gaynor, no único filme que esta estrêla fêz fora da Fox; «Mulher do Meus Irmão», com Barbara Stanwyck, que tornou-se depois sua espôsa na vida real; «Sublime Indulgência», com Irene Dunn; «Dama das Camélias», ao lado de Greta Garbo; «Flor dos Trópicos», com Hedy Lamarr; «O Traídor», com Elizabeth Taylor; «Estrada do Diabo», com Paula Corday; «Seu Criado, Obrigado», com Jean Harlow; «Mulher Sublime», com Joan Grawford; «Bill the Kid», numa refilmagem de um velho filme de William S. Hart, e tantos outros filmes. Teve um romance com Barbara Stanwyck que terminou em casamento, formando um par admirado pelos fãs. Era a união do «bonito» com o talento, e que trouxe ao galã das «covinhas» um aprendizado excelente. Ùltimamente foi a Itália filmar «Quo Vadis» e surgiram os boatos do divórcio com Babs, boatos que foram confirmados depois com a separação e divórcio. Foi talvez debaixo da tutela de Miss Stanwick, que Robert Taylor, nesta longa série de filmes, deu-nos um trabalho digno de nota: «A Ponte de Waterloo», com Vivien Leigh, única performance digna de registro num artista que tem uma longa série de filmes.

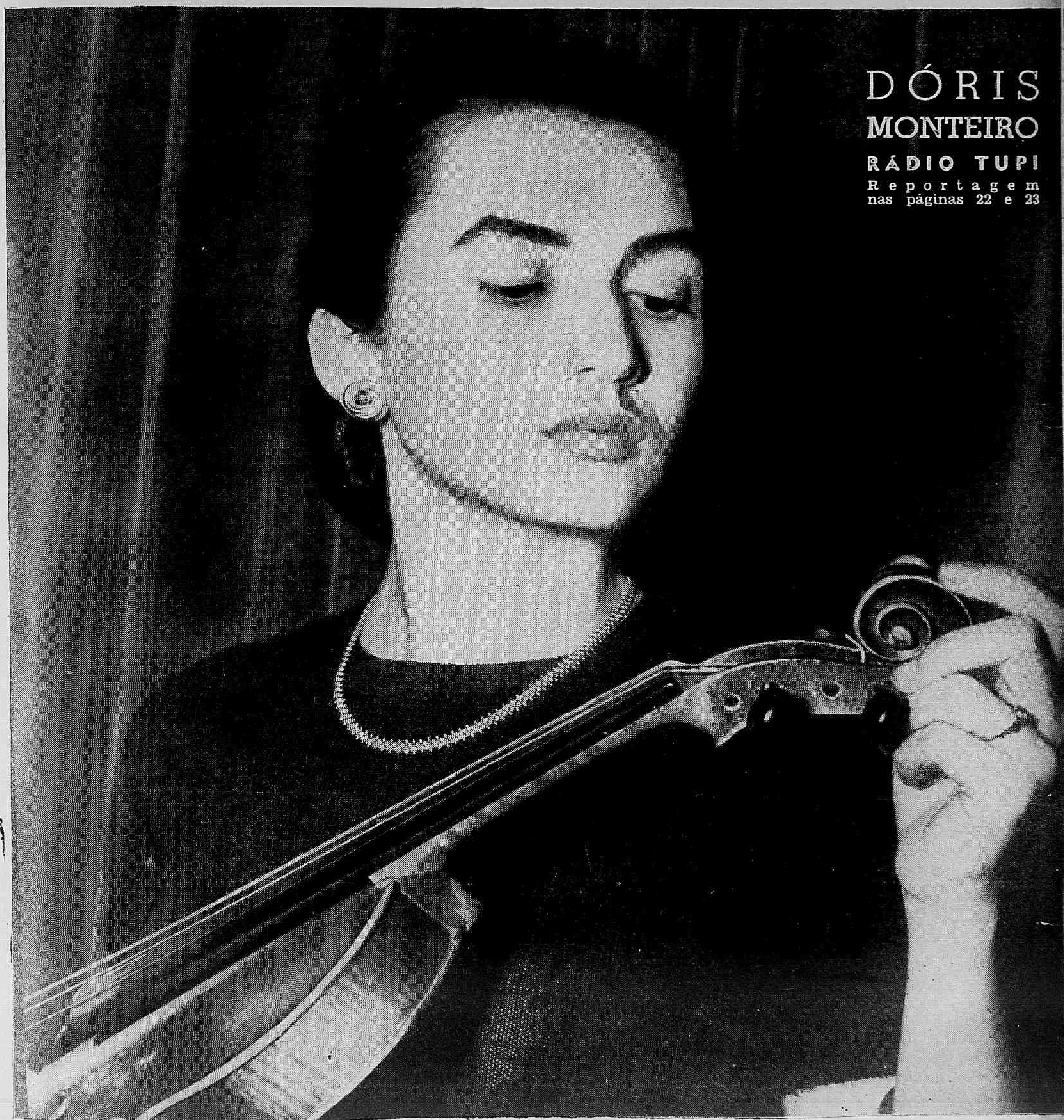
Esperemos agora a nova série de filmes de Mr. Robert Taylor, pois ainda é um nome de projeção no elenco da Metro, para vermos se o seu decantado talen-

(Cont. na pág. 34)



Anthony Dexter incarnando Rodolfo Valentino, considerado artista do tipo «manequim» pelo leitor Durval Fonseca

Rádio Cena



Reportagem nas páginas 22 e 23



NÃO HÁ ROMANCE entre êles, mas Doris se embevece com a música (?) que o Lúcio tira do violino

NEM TODOS OS ANJOS SÃO BONS...

DÓRIS MONTEIRO PREJUDICADA PELA PRÓPRIA MÃE



Com intuito de proteger a filha, D. Mariquinha cria alguns casos na Tupi — De boas intenções o céu anda cheio... — Por que a criadora de "Se você se importasse" insiste em cantar as mesmas músicas — A genitora de Dóris "marca" mais do que o Obdúlio Varela, segundo é voz corrente na PRG-3

Reportagem de M. CORRÊA

Fotos de A. FERREIRA

Não padece dúvida que a jovem Dóris Monteiro é uma vocalista de reais méritos, podendo ser considerada a mais bela revelação do rádio carioca no ano findo. Dona de uma voz gostosa de ouvir-se, sabendo como poucas interpretar o nosso delicioso samba-canção, ràpidamente se destacou na preferência dos senfilistas, ganhando merecido relêvo com as gravações que fêz dos sambas "Se você se importasse" e "Fecho os meus olhos, vejo você", em 1951. Posteriormente, a menina Dóris perpetuou na cêra outras melodias de sucesso, porém, inexplicàvelmente, passou a insistir sôbre as mesmas músicas, fato que começou a desagradar grande parte de seus admiradores. Nesse ponto, en-

COM O SEU DESVÊLO, que já se está tornando cacete, D. Mariquinha poderá levar Doris Monteiro ao fracasso

lão, surge a figura de sua genitora, senhora de hábitos rigidos, que na louvável tarefa de proteger a filha dos assédios dos D. Juans que infestam as nossas emissoras, acompanha-a a todos os cantos com a paciência e o carinho só encontrados nas mães. Acontece, porém, que, além de resguardar o famoso rebento, D. Mariquinhas procura, de uns tempos a esta parte, intrometer-se na situação artística da pequena — coisa de que ela não entende patavina — originando-se daí casos desagradáveis que poderão, inclusive, prejudicar a própria Dóris.

D. MARIQUINHAS MUDA DE TÁTICA

No princípio, como foi dito acima, D. Mariquinhas apenas procurava resguardar a filha dos ataques insólitos dos conquistadores baratos, que os há e em grande número nas estações guanabarinas. Isto vinha acontecendo desde os tempos em que a menina Dóris perambulava pelas emissoras para se apresentar em programas de calouros. Depois, levada para a Rádio Guanabara por Orlando Corrêa, o fato se repetia com a precisão de um cronômetro: D. Mariquinhas não arredava pé do lado da filha. Quando esta se transferiu para a Tupi e, graças aos seus discos, ganhou notoriedade, a boa senhora lusitana continuou seguindo à risca a tarefa a que se propôs. Assim, sua presença nos corredores da Tupi, como uma sombra da festejada cantora, passou a ser coisa banal, fato a que todos já estavam habituados. De umas semanas para cá, entretanto, D. Mariquinhas, sem que se saiba por que, resolveu mudar de tática: além de proteger a integridade física da filha, protegeria, igualmente, a sua carreira artística. E ato contínuo, passou a fiscalizar com olhos de lince os ensaios da menina Adelina — êste o nome verdadeiro de Dóris — a fim de obstar qualquer admoestação por parte dos ensaiadores à cantora.

VAMPRÉ ESTÁ "CHEIO"

Como se sabe, Dóris Monteiro, juntamente com Lúcio Alves, é a grande atração de "Ela e êle", programa de Otávio Augusto Vampré, que a Tupi leva ao ar tôdas as têrças-feiras. Pois bem. Como notasse de uns tempos a esta parte que a cantora teimava em repisar os mesmos números, ao invés de proceder como na "boite" do Capacabana-Pálace, onde canta dezenas de melodias, Vampré no intervalo de um dos ensaios, fêz a observação:

— Dóris, você precisa variar um pouco nas músicas. Se você não cantar coisas novas no "Ela e êle", ficarei em palpos de aranha para escrever os diálogos.

D. Mariquinhas — que não podia deixar de estar ao lado da filha — sentiu-se como que ferida com a observação do produtor do "Cacique do Ar" e, intrometendo-se num assunto que não lhe cabia dar opinião, disse em alto e bom som:

— A minha filha não vai cantar outras músicas, não, ouviu? O seu repertório para a Tupi está muito bom. O povo quer é as músicas que ela vem cantando tôdas as têrças-feiras, aqui.

Vampré engoliu em sêco e nada disse à D. Mariquinhas. Tempos depois, e numa sucessão que não agradou a ninguém, a genitora da jovem vocalista passou a opinar sôbre os ensaios e a sair em defesa da filha quando alguns dos ensaiadores faziam-lhe qualquer observação. Na semana passada, por exemplo, após os preparativos de uma audição de "Ela e êle", Vampré não aguentou e explodiu:

— Estou "cheio" dessa mulher! Dêsse jeito, ela levará a Dóris ao fracasso!

OBDÚLIO DE SAIAS

D. Mariquinhas, a princípio, era encarada como um verdadeiro anjo da guarda da jovem cantora, por todos os que trabalham na Tupi. E' bem verdade que ela era olhada com curiosidade, quando passava bamboleando um pouco, passeando alguns quilos de gordura pelas dependências do "Cacique do Ar". Mas ninguém lhe dava muita importância. Era a mãe de Dóris, e pronto! Mas, depois que passou a emitir opiniões sôbre repertórios, tons de música, interpretação e que tais, e a marcar com impiedade quantos se aventuravam a dizer um gracejo à filha que é a menina dos seus olhos, D. Mariquinhas ganhou diversos apelidos. Uns, jocosamente, chamam-na de "Obdúlio de saias", dizendo que ela segue a mesma técnica do famoso "center-half" uruguaio. Outros preferem chamá-la de Brandãozinho, destacado médio bandeirante, jogador que também marca os adversários com grande habilidade. Com ditos mordazes à meia voz, cobrem a respeitável senhora de ridículo, contando coisas que teriam acontecido durante um ensaio... E a situação chegou a tal ponto que poucos a conhecem pelo nome, ou melhor, raros não a conhecem pelo apelido sarcástico de "Obdúlio de saias"...

DÓRIS PODERÁ PREJUDICAR-SE

Pelo que se depreende da atitude de D. Mariquinhas, o que ela quer é proteger a filha, ajudá-la a subir cada vez mais os íngremes degraus da fama. Mas, dêsse jeito, o que poderá conseguir é o fracasso total de Dóris Monteiro, a queda de sua popularidade, o fim de sua carreira artística. Isto porque — ao invés de aconselhar seu rebento a não se mascarar, a cumprir as determinações dos ensaiadores, a renovar constantemente o seu repertório — ela procura justamente contra isso, contra os que desejam auxiliar a criadora de "Quantas vêzes", como se com isto lhe fizesse um grande bem. D. Mariquinhas deve, porém, modificar completamente o seu modo de agir o quanto antes, para que, no futuro, não ouçamos mais alguém dizer, quando ela saltar do elevador com a filha:

— Pessoal, aí vem a Dóris e o Obdúlio!



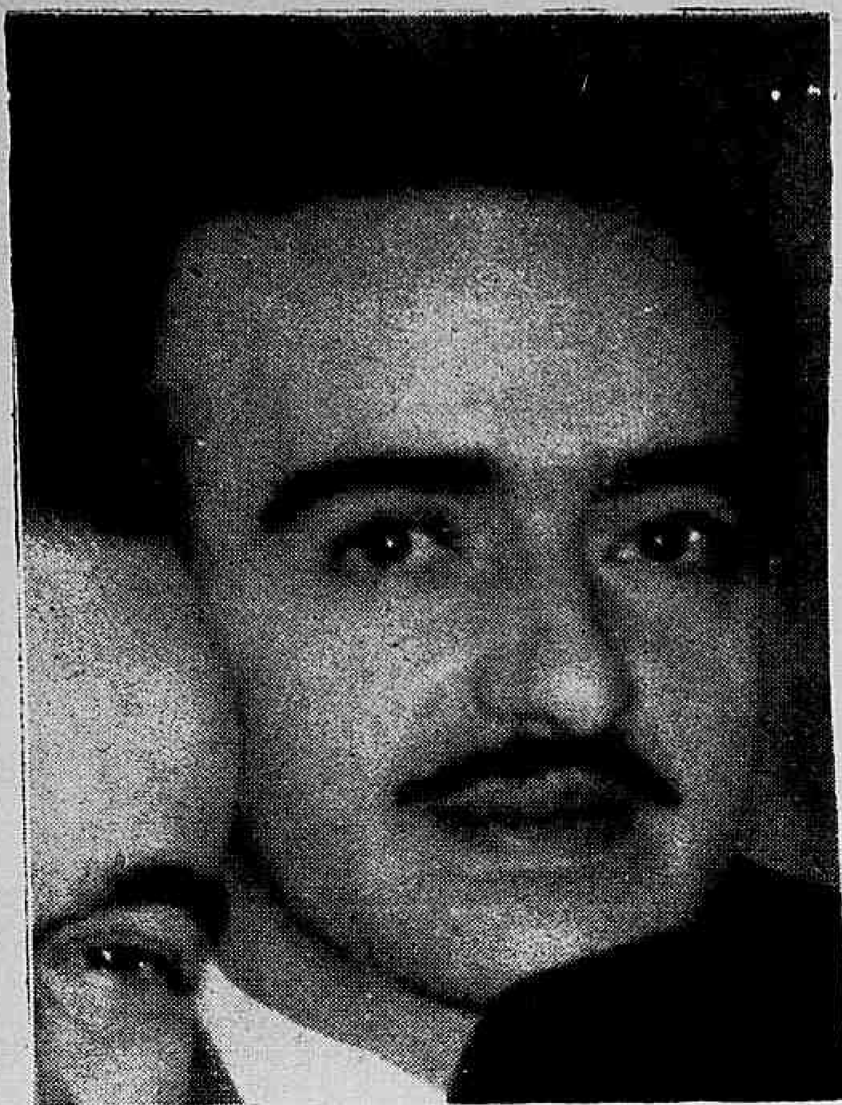
O CASAL ROMANTICO do «Cacique», aproveitando a ausência do maestro Milton Calazans, tentou tirar algumas notas dos instrumentos...



SEMPRE É BOM OUVIR o maestro Milton Calazans, embora D. Mariquinhas não goste disso...



DORIS E LÚCIO — «ela e êle» da Tupi — quando estudavam os papéis para o programa de Vampré



Miguel Curi anda zangado com Nelson Gonçalves, porque...

VALE A PENA SABER

Há, no rádio paulistano, um programa — a "Hora da Saudade" — que foi criado em junho de 1935. Caminha, portanto, para o seu vigésimo aniversário.

★

Almirante possui, em seu fabuloso arquivo, uma vitrine dedicada a Noel Rosa que contém, entre outras coisas, o original da última produção do cantor de Vila Isabel, a carta, em verso, que êle enviou ao médico, a certidão de óbito do infortunado compositor e o retrato da "Dama do Cabaré".

★

A rádio-atriz Aidée Miranda é desenhista de figurinos, tendo criado diversos modelos de sucesso.

★

A rádio-atriz Olga Nobre, filha de Sara Nobre, rádio-atriz da Mayrink Veiga, já foi cantora lírica.

★

O novelista Raimundo Lopes já foi guarda-municipal na capital paulistana.

★

Celso Guimarães, há muitos anos atrás, dirigiu o "Século", semanário de divulgação literária que se editava em São Paulo.

★

O sambista Moreira da Silva já excursionou a Portugal, em companhia de Manuel Monteiro, tendo, nessa ocasião, tomado parte numa película portuguêsa.

PONTOS de VISTA

— Levando o seu programa, inclusive seus melhores intérpretes para a Mayrink, Antônio Maria não parece ser o mesmo da Tupi. Tôda aquela luzida equipe de bons intérpretes nada pôde fazer diante do texto fraco e repetidíssimo. — *Dig.*

— Êsse "Salão Grená" está nos parecendo mais um salão de barbeiro, tantos são os arranhões que estão sendo constantemente dados na poesia... — *Osvaldo Gouveia.*

— A gravação de "Não pequei", pelo Lúcio Alves, será o primeiro disco, depois do voador, sob o patrocínio dos "Diários Associados". — *Sérgio Pôrto.*

— Entroncada nas raízes da nossa gente e natureza, no nosso feitio e psiquê, sendo ela mesma, imunizada às influências até de espontâneas evoluções, prêsa à essência de sua raça — Araci é o samba enquanto o samba fôr fiel à legitimidade de sua gênese. — *Miguel Curi.*

— Recado para Pato Prêto: — Não tire o leite, rapaz! Vá logo a uma leiteria! Que chato! — *Marijô.*

— Domingo, por exemplo, Ari Barroso, visivelmente irritado, (êle estava sofrendo muito com o desenrolar da partida!) fazia comentários improcedentes e até injustos, contra os jogadores do Olaria, tendo-se tornado mesmo cômico, quando o Flamengo fêz o primeiro goal de penalty, porque se desandou a soprar a gaita com violência repetida, o que não fizera antes, quando dos goals do Olaria. — *Argus.*

DISSE—ME—DISSE

O locutor Nelson de Oliveira deixou a Rádio Mayrink Veiga, ingressando na Rádio Nacional de São Paulo. Motivo de sua saída da PRA-9: as saudades da noiva que deixara na Paulicéia. Diàriamente, êle telefonava para São Paulo, gastando quase todo o seu ordenado nisso.

★

Segundo ouvimos no bar do Oliveira, lá na Rádio Tupi, o índice de audiência da Rádio Tamoio está baixando assustadoramente. Quem falava sôbre o assunto era um dos auxiliares diretos de Péricles do Amaral, diretor da B-7...

★

As relações entre Miguel Curi, chefe de divulgação da Rádio Nacional, e Nelson Gonçalves, cantor exclusivo dessa emissora, não estão muito boas. Motivo: Nelson prometeu gravar um samba de Curi e não cumpriu a promessa. Consequências: o cantor tem sido alvo de críticas daquele cronista nos próprios jornais e revistas ligados à Nacional...

★

Dizem que há um produtor da Tamoio que está repetindo alguns programas que produziu e foram transmitidos pela própria Tamoio há anos. Êle só tem o trabalho de mudar os nomes dos personagens, ao que dizem...

★

Por que é que o Carlos Cotrim, apesar dos insistentes convites, não aparece para rever os seus ex-colegas da Rádio Tamoio? Ao que parece deu um golpe de grandes proporções num dos produtores da B-7...

★

Rebelo Júnior, locutor da Tupi, não gosta que se diga que êle é gordo. Serão, as suas banhas, sinal de magreza?

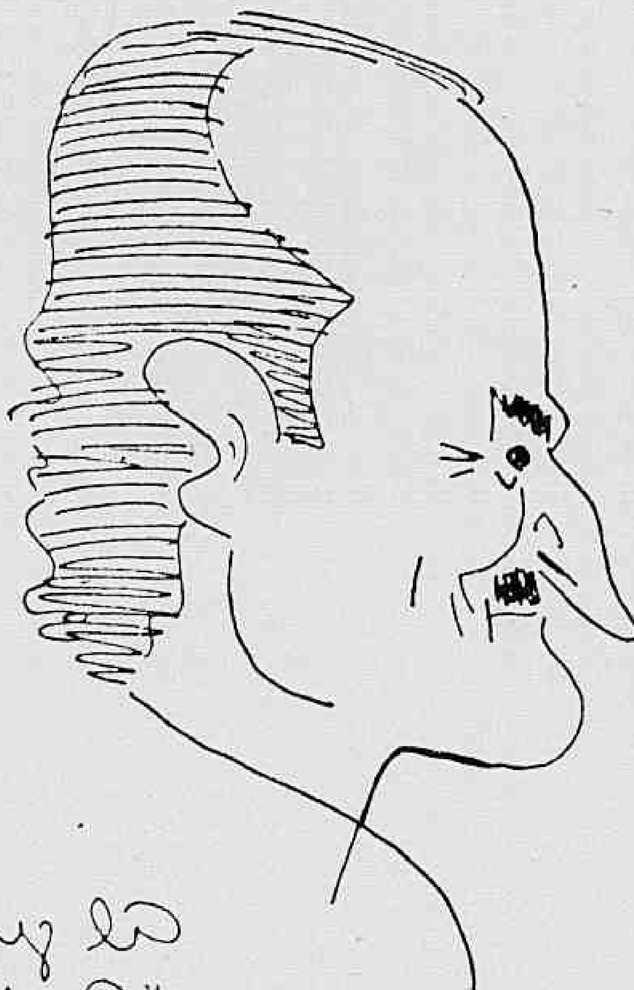
★

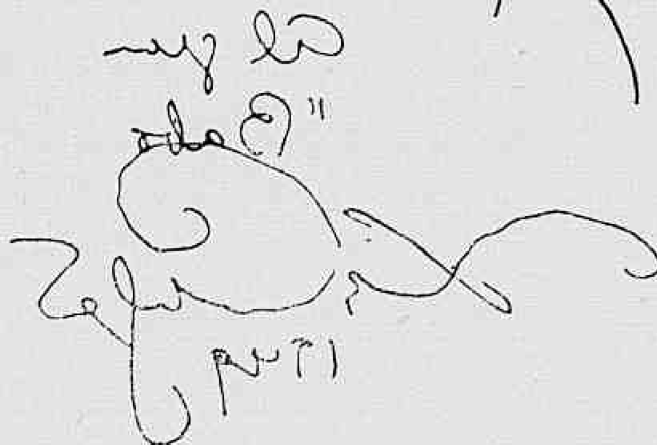
Há anos, Zani Filho, colérico devido ao fato da crônica especializada não tomar conhecimento de sua existência, declarou que os cronistas radiofônicos não eram jornalistas e sim jornaleiros. Recentemente, precisando de alguém para escrever alguns programas, quem êle foi buscar? Um cronista radiofônico: Osvaldo Gouveia.

★

Dizem que conhecida radioatriz encontra-se de amor ferrado com o fotógrafo Halfeld. O nome da mencionada artista não pode ser divulgado para não magoar um famoso produtor, que está apaixonado por ela... e com quem ela prometeu casar-se.

MR. KILOCICLO





Lamartine caricaturado por Xavier Cugat



Carlos Cotrim está com mêdo de aparecer na Tamoio

DAQUI, DALI, DACOLÁ

A Rádio Tamoio lançará uma novela de Felix Caignet, o discutido autor de "O Direito de Nascer". Título dessa história seriada que, pelo visto, também será quilométrica: "Os que não devem nascer".

★

Regressou das férias e já reiniciou suas atividades na Tupi, o rádio-ator Paulo Moreno.

★

Mary Gonçalves não irá mais a Paris. Surgiram alguns impecilhos que a "Rainha do Rádio" não pôde remover e a viagem foi adiada.

★

Notícia-se que ainda êste mês a Rádio Jornal do Brasil inaugurará o seu novo transmissor de 50 kws.

★

Berliet Júnior está sendo vivamente assediado para voltar ao rádio. As várias propostas que lhe foram feitas, entretanto, ainda não conseguiram trazer de volta ao sem fio, o excelente produtor.

★

Em face de ter entrado em gôzo de férias, no dia 15 do corrente, Renato Murce está realizando uma excursão pelo sul do país em companhia de sua nova espôsa Eliana, e de Adelaide Chiozzo, Carlos Matos e José Carlos Rodrigues.

★

Francisco Carlos está realizando uma temporada no Amazonas, devendo regressar ao Rio nos primeiros dias de outubro.

★

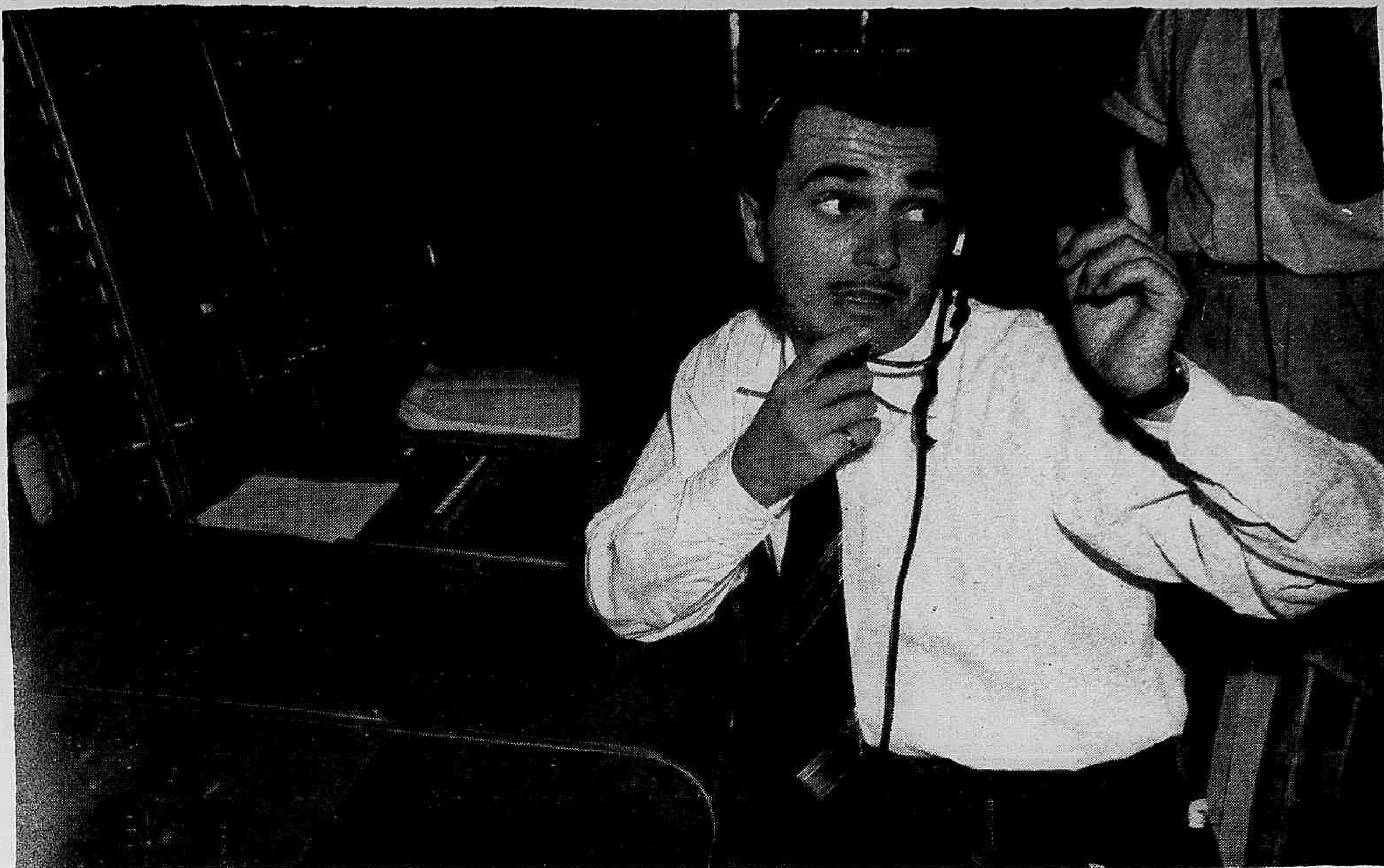
Segundo fomos informados, está em vias de construção a estação de televisão da Rádio Mauá. Também o transmissor de 50 kws. da "emissora do trabalhador" está quase concluído.

EPITÁFIO PARA LAMARTINE BABO

Abandonando êste mundo
O Lamartine descia
Pra um buraco feio e fundo
Onde a terra é negra e fria.

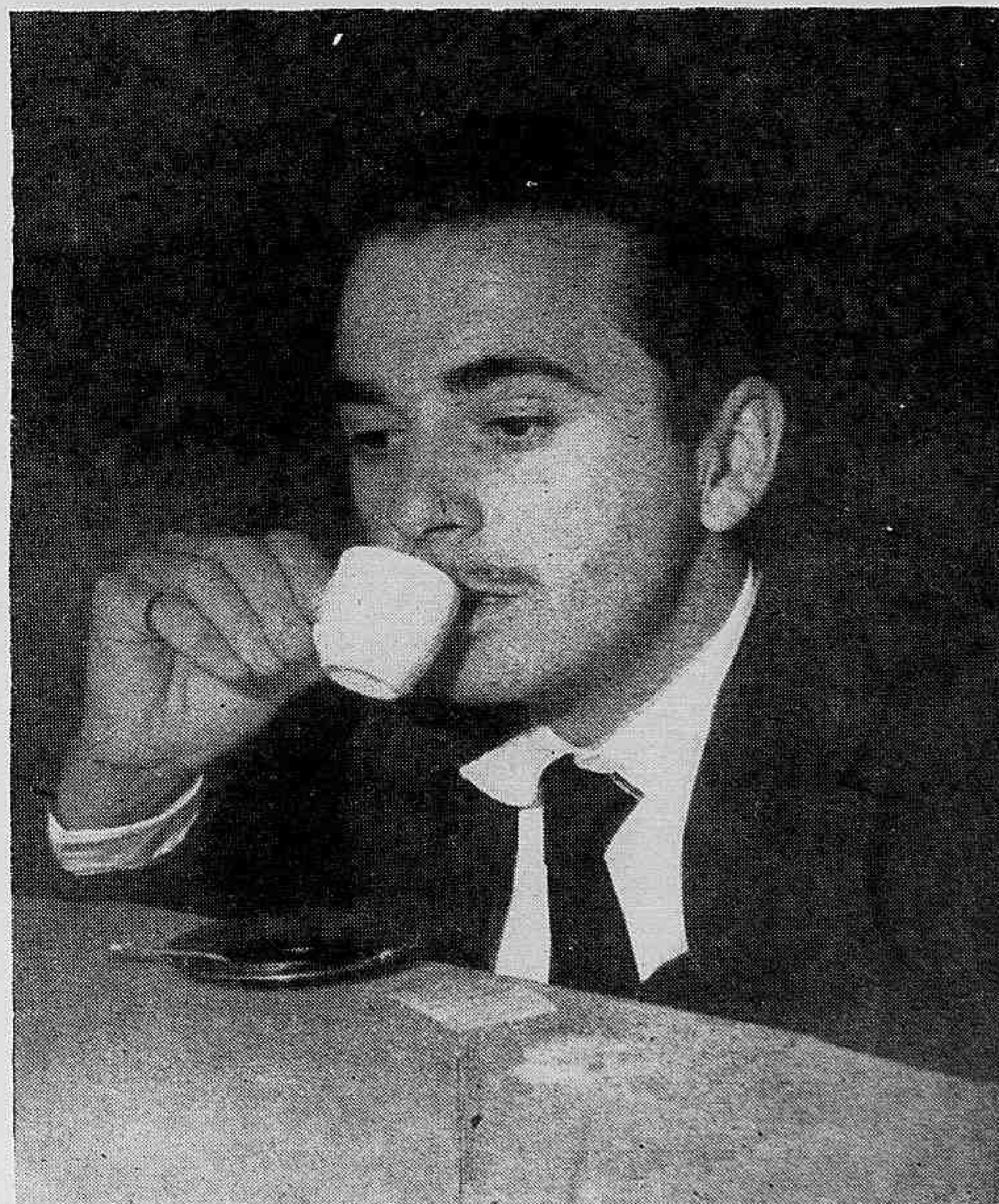
Porém um verme empombado
Ao vê-lo deu parecer:
— Eta cabra descarnado!
Nada tem pra se comer!

DON ELMO



LEITE NA TELEVISÃO. Assis Chateaubriand quis mandá-lo aos Estados Unidos para estudar TV. Mas a doença não deixou

ANTONIO LEITE FOI GAGO HOJE é RÁDIO-ATOR



O LEITE NO CAFÉ. Enquanto serve a rubiácea, o produtor pensa

A FÔRÇA DE VONTADE REMOVE MONTANHAS — REVELADO POR OTÁVIO GABUS MENDES — QUASE FOI AOS ESTADOS UNIDOS ESTUDAR TELEVISÃO — NÃO QUER MAIS NADA COM S. PAULO

Texto de MILTON SALLES — Fotos de ALBERTO LIMA

Pouco depois de completar 16 anos, ali por volta de 1940, aquêle rapazinho que nascera no bairro da Ponte Grande, na capital bandeirante, e que, devido aos problemas da crise fôra levado a algumas cidades mineiras pela mãe e o padrasto, retornando ao local em que viéra ao mundo, sentiu-se inclinado a tentar realizar a idéia que há muito lhe fazia cócegas na cabeça: ingressar no rádio. Após matutar bastante e passar algumas noites insone examinando os prós e os contras da decisão que estava disposto a tomar, resolveu procurar o saudoso Otávio Gabus Mendes, pois sabia ser êle um dos grandes incentivadores dos valores novos.



COMO FALA O EX-GAGO! Antônio Leite, além de ativo produtor, trabalha como intérprete em diversos programas da B-7

Vestiu o melhor terno, arrumou o melhor penteado e dirigiu-se aos estúdios da Rádio R cord. Atendido prontamente pelo inesquecível homem de rádio, não pôde, entretanto, realizar o seu anelo. Motivo: Antônio Leite, êste o nome daquele rapazinho, era incrivelmente gago!

Bondoso, realmente amigo da turma nova, Gabus Mend s não desiludiu o visitante:

— Você tem pinta, rapaz. Infelizmente, porém, para trabalhar no rádio não é preciso apenas ter pinta. E' necessário ter algo mais do que isso — voz, por exemplo. E a sua, por motivos alheios à sua vontade, não é aproveitável no momento. Mas se você fizer como o célebre Demóstenes e perder essa gagueira impertinente, pode procurar-me que o submeterei a um teste. Palavra de honra que não me esquecerei d ssa promessa.

Ao invés de se sentir inferiorizado, o moço Antônio Leite saiu dali com alma nova, graças à injeção de entusiasmo que lhe fôra aplicada pelo saudoso radialista bandeirante. E, seguindo o conselho que lhe fôra dado, não foi desafiar as ondas com a sua voz, como a grande figura da história grega, mas passou a andar p las ruas e pelos cantos da casa lendo jornais e revistas em voz alta. Tempos depois, já sem o defeito da gagueira, entrou fagueiro pelos estúdios da Record e foi direto à sala do bonachão Gabus Mendes, que o recebeu com grandes demonstrações de alegria e o submeteu ao t ste prometido, no qual Antônio Leite passou com distinção.

O atual exclusivo da Tamoio, recordando essas passagens que antec deram a sua vitória no «broadcasting», abre-se num grande sorriso e afirma:

— Como era grande o Otávio Gabus Mendes, «seu» Salles. Tinha sempre uma palavra carinhosa, sempre um cons lho para qualquer elemento novo. Muito cartaz que hoje está brilhando por aí não me deixa mentir.

O olhar do festejado galã perde-se na distância, como se buscasse num lugar indefinível a figura do inesquecível «broadcaster». Tornando à realidade, passa a narrar, fluentemente, a sua trajetória no rádio:

— Depois que o grande Gabus me descobriu, passei a fazer uma porção de coisas na veterana B-9. Você sab, eu estava na fase do idealismo. Queria faz r tudo para ajudar a rádio a caminhar de vento em pôpa. Assim no mimeógrafo ou na contra-regra, quem fôsse à Record naqueles dias encontraria o ex-gaguinho. Cheguei até, querendo bancar o bom moço, a ir ao café próximo da emissora para trazer médias e pães com manteiga para a turma de lá...

Há uma pausa. Leite encara o repórter e faz a pergunta:

— Mas, quer saber de uma coisa?

Nós qu ríamos, sim. Êle contou-a:

— Eu não ganhava um tostão. Os meses iam passando e nada de me chamarem para comparec r à caixa. Certo dia, não suportando mais aquilo, resolvi abandonar o Gabus Mendes, apesar de grande fã. E, com a mesma fôrça com que desejei vencer, procurei esquecer-me de tudo que se relacionasse com estação de rádio.

Mas não esqueceu, é óbvio e o Leite explica por que:

— Um ano depois inscreví-me num concurso para galãs instituído pela Rádio São Paulo. A novela, então, começava a grassar como erva daninha. Fui, venci o concurso, sendo escolhido por Oduvaldo Viana. Alguns meses de vitórias, alegrias, esperanças e um dia — nesse dia a garoa paulistana pareceu muito mais densa — o caixa da PRA-5 foi franco para mim: meus serviços estariam dispensados dentro de mais alguns dias. Não desanimei, sabe? Ao contrário. Com o entusiasmo da minha pouca idade, fui correndo para outra emissora, a Piratininga, hoje Panamericana, trabalhar com o Raimundo Lopes — êsse mesmo que está brilhando na Mayrink Veiga. Mas, parodiando o incomparável Augusto dos Anjos, parece que um urubu havia pousado na minha sorte: a rádio abriu falência.

Leite estuda os efeitos de sua narrativa na fisionomia do repórter e prossegue:

— Felizmente, porém, meu nome já era um pouco conhecido no meio. Assim, não me foi difícil ingressar na Difusora, onde já estivera antes como locutor do programa «Atualidades», representando o colégio em que estudava. Logo depois a Tupi comprou a Difusora e fiquei trabalhando nas duas estações. Era «speaker» no horário matutino, trabalhava no rádio-teatro e ainda encontrava tempo para exercer as funções de contra-regra. Meu grande sonho, entretanto, era escrever, criar histórias que deleitassem algumas pessoas. Escrevi muito. As críticas quase destruiram o ânimo. Felizmente, porém, soube resistir ao derrotismo e chegu i a redator e produtor das «Associadas» bandeirantes, dirigindo meus programas e interpretanto primeiros papéis.

Êste repórter, que até então não tivera vez, aproveitou a brechinha na narrativa do L ite para fazer-lhe uma pergunta:

— E' verdade que você estêve de viagem marcada para os Estados Unidos?

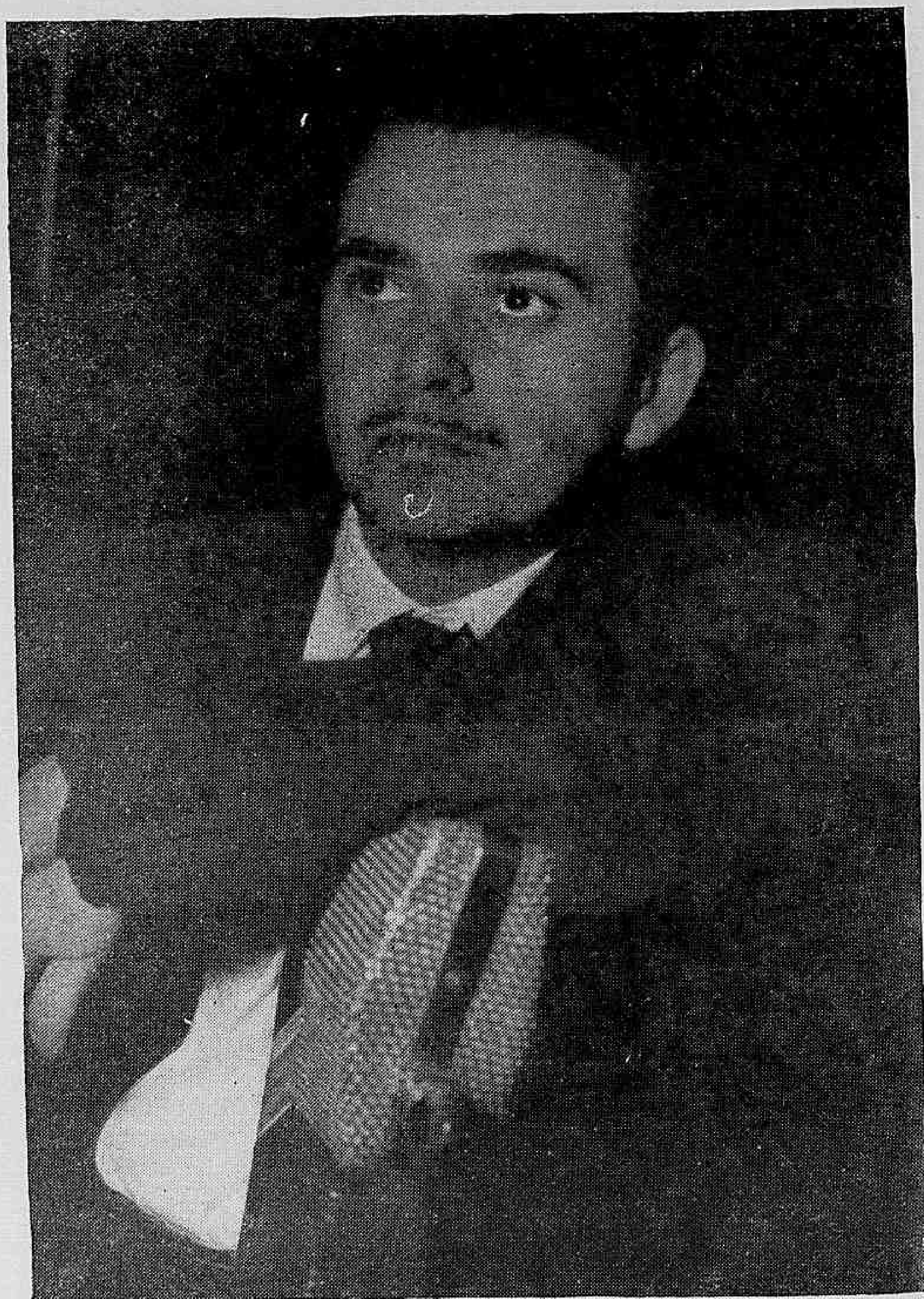
— Marcada não é o têrmo, pròpriamente — respondeu o criador de «Encontro de namorados». — Quando, em 1948, Assis Chateaubriand ofereceu-me a oportunidade de ir à terra de Tio Sam estudar televisão, caí doente. Não pude realizar meu velho sonho, mas, em compensação, pouco depois Paulo de Grammont convidou-me a ingressar na Tamoio, onde já fiz de tudo — desde a animação de programas de auditório até os papéis principais de destacadas novelas — e onde continuo satisfeito. Ali venho apresentando, além da «Pausa», programa campeão de audiência, a novela «Vendaval», cujos principais papéis são desempenhados por mim e por Engênia Levy.

E o Leite, depois de uma pausa, afirmou em tom confidencial, como se não quisesse que alguém o ouvisse:

— A minha satisfação na B-7 é completa porque me dei muito com o clima do Rio. Não sofro mais quase todos os dias, como acontecia lá na minha bela São Paulo.

Depois, arrematando a entrevista acrescentou:

— Não quero mais nada com São Paulo. Espero ir lá só a passeio.



PAUSA PARA MEDITAÇÃO. Um dos seus grandes êxitos, é a audição do mesmo título que produz para a Tamoio

MEIO MILHÃO de CRUZEIROS GANHARÁ ROBERTO INGLÊS

PELA PRIMEIRA VEZ NA AMÉRICA DO SUL O FAMOSO MUCISISTA — AOS CINCO ANOS JÁ ERA APLAUDIDO COMO PIANISTA — GRAVOU DEZESSEIS MÚSICAS COM DALVA DE OLIVEIRA — ÊLE É ESCOCÊS

Reportagem de M.S.

Graças ao inestimável serviço que vem prestando à música brasileira, difundindo em caprichadas gravações os nossos ritmos populares no exterior, o regente, pianista e diretor de orquestra Roberto Inglês ganhou a irrestrita simpatia do público brasileiro, que não deixa os seus discos criar poeira nas lojas especializadas.



EM PLENO ENSAIO, em mangas de camisa, Roberto Inglês testemunha a Dalva a sua grande admiração pela festejada intérprete



RUSSO DO PANDEIRO também compareceu ao coquetel que a Nacional ofereceu ao maestro Roberto Inglês. Os dois conversam longamente...



ATÉ DO PIANO — que ganha outra vida com os dedos do grande executante escocês — êle regeu a orquestra



DOIS SORRISOS, DOIS BONS AMIGOS. Reparem no cravo na lapela do palitó do maestro. Êle recebe um, diàriamente, de Londres, enviado pela espôsa



ENQUANTO a estrêla da Nacional interpreta «Kalu», as mãos do maestro trabalham sem parar

MOZART DO SÉCULO XX

Robert Inglis — êste o verdadeiro nome do consagrado musicista — é escocês de Elgin, e não argentino, como queriam alguns dos seus biógrafos. Demonstrando desde tenra idade acentuados pendores para a arte de dedilhar o teclado, aos cinco anos, como um Mozart do século XX, já era aplaudido como pianista. Com o desejo de superar-se na arte que imortalizou Paderewski, aos doze anos estudou orquestração e direção orquestral no Real Colégio de Música, formando-se aos 17, com distinção e louvor nos exames.

TRIUNFO RAPIDO

Dois anos depois de reger várias orquestras, em viagens pela Inglaterra, formou a sua própria, dedicando-se à interpretação dos ritmos latino-americanos. Quando Fernando Jacques estêve em Londres para fazer a cobertura dos Jogos Olimpicos de 1948 — ocasião em que o famoso maestro já se encontrava brilhando no "Savoy Hotel", o mais distinto e prestigioso de tôda a Grã-Bretanha — Roberto Inglês interessou-se em conhecer mais a fundo o que faziam os nossos compositores populares. Assim, graças àquele homem de rádio, tomou-se de amôres pelos nossos ritmos, incluindo em seu repertório algumas páginas de Ari Barroso e de outros autores festejados.



DALVA TEM SIDO pródiga em demonstração de afeto para com Roberto Inglês. Até na hora do programa ela não o largou...

RECORDISTA DE VENDA DE DISCOS

Em face do êxito obtido pela sua orquestra no "Savoy", Rober-

(Cont. da pág. 34)



É BEM VERDADE que o som do piano não foi o mesmo do que o grande musicista tem em Londres. Mas os ouvintes sentiram a execução personalíssima



CHACRINHA MUSICAL

de ABELARDO CHACRINHA BARBOSA

OS DISCOS PREFERIDOS por JORGE GOULART

"Não sou de reclamar" — Samba — Francisco Carlos.

"Se voltares a mim" — Samba — Déo.

"Não tenho você" — Samba — Ângela Maria.

"Nunca" — Samba — Dircinha Batista.

"Errei Sim" — Samba — Dalva de Oliveira.

"O Bailinho da Madeira" — Helena Gonçalo.

"O Hino do Vasco" — Côro e Orquestra.

"Perdida" — Bolero — Anjos do Inferno.

"Sorris da Minha Dor" — Valsa — Sílvio Caldas.

"Luar do Sertão" — Toada — Estelinha Egg.

Para a sua discoteca, os mais lindos sambas-canção "Quantas Vêzes", na voz de Dóris Monteiro; "Mulher de Minha Vida", por Francisco Carlos; "Nosso Amor... Nossa Comédia", com Elizete Cardoso; "Lama", na interpretação de Linda Rodrigues; "Murmúrios", na voz de Neusa Maria; "Busto Calado", um samba de primeira, na interpretação maravilhosa de Carmen Costa; "Ranchinho de Palha", do repertório de Dick Farney e "Entre Nós", criação de Lúcio Alves. Qualquer um dêles merece um lugarzinho na sua discoteca.

★

"Peixinho do Mar" e "Sem Vingança" são as mais recentes gravações do cantor paulista Solon Sales.

BIGODE
de SENHORAS e VERRUGAS
ELIMINAÇÃO GARANTIDA SEM CICATRIZES
GUILHERME KLOTZ
FUNDADO 1926
AV. BRIG. LUIZ ANTONIO, 4289 - S. PAULO
PEÇA PROSPECTOS

Haroldo Eiras, compositor de grandes recursos, está pleiteando um contrato para Joana D'Arc, sua cantora favorita, na fábrica de Paulo Serrano.

★

Os Vocalistas Tropicais pedirão rescisão de contrato com a fábrica de discos Odeon. Os componentes do conjunto alegam que a Odeon não fabrica os seus discos em quantidade. Dizem que os criadores de "Tomara que Chova" foram convidados pela fábrica de discos Continental, recebendo de luvas um bonito automóvel.

★

Virgínia Lane já gravou quatro músicas para o carnaval. Será que ela vai repetir a mesma façanha do ano passado?

★

O maior absurdo dos últimos tempos: Os nossos cantores cantando músicas de carnaval em pleno mês de setembro. O nosso amigo Risadinha já anda pelos programas de Auditório fazendo fôrça pelo seu sambinha carnavalesco. Risadinha, você não acha que é muito cedo para se falar em carnaval?...

★

Um bom disco da consagrada pianista Carolina Cardoso de Menezes: «Ternamente» fox de Jack Lawrence e «No Crepúsculo».

★

Déa Camargo fêz a sua estréia no mundo dos discos gravando, o sambalamento de José Nunes, «Noite N'Alma» e «Sòmente o Amor», samba de José Maria de Abreu e Jair Amorim.

★

César de Alencar e Heleninha Costa apresentam «Me Dá, Me Dá», chorinho de Claudionor Santos e Ismael Neto, e «Está Fazendo um Ano», samba-canção de Ismael Neto e Manèzinho Araújo. Dois números interessantes, mas que não conseguiram aparecer. Uma pena...

★

Dois números pela Orquestra Tabajara do maestro Severino Araújo: «Mirando-te», chôro e «Baião Prá Maluco». Todos os dois números são de autoria do próprio Severino. Um bom disco para os bailarinos.

★

«Sá Ritinha», baião de Hervê Cordovil e «Maria Joana», são as mais recentes criações do cantor pernambucano Luís Bandeira.

★

«Os teus olhos pedem os meus», um bonito bolero de Haroldo Eiras e Vitor Berbara, na voz inconfundível de Jorge Goulart, o maior dos últimos anos.

★

Para os fãs de Odete Amaral: «Espere a sua vez», maracatu de Jorge Santos e José Batista, «Quanto tempo», bolero de Ari Rebelo e Mary Monteiro, «Hino ao amor», samba de Amirton Valin e Uriel de Azevedo, «Beija-flor», chôro de Alcides Rosa e Djalma Mafra. A nova estrêla das Associadas promete grandes novidades para o carnaval de 1953. Vamos aguardar...

★

Mais uma novidade de Albertinho Fortuna, o criador de «Mano a mano»: «Fado das Mãos», beguine de M. Figueiredo e o tango «Madressilva», de Amadori, numa versão do festejado poeta brasileiro, Ghiarone.

★

Podemos dizer sem mêdo de errar, que êste foi o ano das versões. As versões dominaram de ponta a ponta: «Dominó», «Jezebel», «Mano a mano», «Nostalgia», «Senhora», «Maria Dolores», «A Coisa», e, finalmente, uma de Emilinha Borba que de maneira alguma consiga me lembrar. Outras versões virão, ainda êste ano.

★

SOLOS INSTRUMENTAIS: «Tô Esperando», chôro de Djalma Andrade e «Sem Compromisso», em solo de violão elétrico, pelo inconfundível Bola Sete. Garôto, em solo de violão tenor com regional: «Um baile em Catumbi», de Eduardo Souto, e «Sempre», chorinho de K.Ximbinho, ex-saxofonista da Orquestra Tabajara. Sexteto Zacarias, em dois chorinhos de primeira: «Sugestivo» e «Índia», em ritmo de baião. Luís Bonfá com seu violão no bolero «Só Recordação» e «Malagueña». Poly e seus Modernistas num chôro e num baião, «Dois de Junho» e «Turista». Pedroca em solo de pistão «Vai falando» e «Uma noite na África», dois números de sua autoria.

★

Newton Teixeira, o cantor-compositor lançou na praça êste mês, dois números de sua autoria: «Caso de Amor», baião e «Meu Confidente». O primeiro agrada mais. Vamos esperar mais um pouco para falar mais detalhadamente dêstes dois números de autor de «Troquemos de Mal».

★

Victor Bacelar gravou muito bem a valsa de José Maria de Abreu e Lamartine Babo «Valsa da Formatura», e o samba de José Maria de Abreu, «Fim». A valsa vai indo bem... o samba é fraquinho... fraquinho mesmo...

★

Luís Vieira, o príncipe do baião, apresenta êste mês as suas duas últimas produções de parceria com Ubirajara dos Santos: «O Retirante» e «Largo do Cafunçu». O primeiro pode ser perfeitamente considerado uma jóia da nossa música popular. «O Retirante» agrada não sòmente pelas suas palavras como também pela sua linha melódica. «O Retirante», um baião destinado a um grande sucesso.

★

Continua agradando aos compradores de discos a valsinha «O Dia da Criança», criação de Gilberto Alves.

★

Um disco de terreiro: «Lamento de Inhacán», afro-brasileiro e «Lamento de Xangô», com João da Baiana no seu terreiro.

★

«Quanto tempo faz», samba de Paulo Soledade e Fernando Lôbo, e «Menino grande», samba de Antônio Maria, duas gravações de Nora Ney, que podem figurar na sua discoteca.

★

«Taboleiro», samba de toada de Luís Bonfá e «Entre Nós», samba, são duas criações de Lúcio Alves, o festejado cantor da Rádio Tupi.

QUADRO DE HONRA



Figura, hoje, no nesso *"Quadro de Honda"*, a querida estrelinha das Associadas Dóris Monteiro, pela sua maravilhosa interpretação no samba-canção, "Sou tão Feliz".

SUCESSOS DA SEMANA

KALU e FIM DE COMÉDIA — Baião — Samba — Humberto Teixeira e Ataúlfo Alves — DALVA DE OLIVEIRA.
SENHORA — Bolero — Vers. Bras. — Lourival Faissal — DIRCINHA BATISTA.
MANO A MANO — Tango — Vers. Bras. — Rago — ALBERTINHO FORTUNA.
JEZEBEL — Versão Brasileira — Caribé da Rocha — JORGE GOULART.
TELEFONISTA — Samba — David Nasser e Francisco Alves — NELSON GONÇALVES.
BAIÃO SERENATA — Baião — Klecius Caldas e Ismael Neto — HELENINHA COSTA.
MORA NO ASSUNTO — Samba — JAMELÃO.
POROÓ-POROÓ — Chôro — Raul de Barros — RAUL DE BARROS.
A MÚSICA QUE EU NÃO OUVI — Samba — Renê Bitencourt e Ismael Neto.
O DIA DA CRIANÇA — Valsa — Irani de Oliveira e Ari Monteiro — GILBERTO ALVES.

NOTA: A seção «Sucessos da Semana» é feita de acôrdo com as principais casas de discos e pedidos por cartas e telefonemas recebidos durante a semana pelo «Cassino da Chacrinha». Semana de 12 a 19-9-52.

PARA VOCÊ CANTAR

SENHORA

(Bolero)

De Orestes Barbosa e Lourival Faissal — Gravação de Gilberto Milfont

Senhora.
Te chamam senhora.
Todos te respeitam,
Sem ver quem tu és.

Senhora.
Pareces senhora.
Mas te pesa a alma, cheia de pe-
[cados,
Falsa como és.

Senhora.
És uma senhora.
Mas és mais perdida que as que
[precisam,
Perdidas viver.

Senhora.
Tu manchaste um nome.
O nome do homem que um dia
[em teus braços,
Feliz tentou ser.

Senhora.
Com todo teu ouro,
De ti sinto pena, pois não tens
[na vida,
Nem Deus, nem moral.

★

SER FLAMENGO

(Samba)

De Ferreira Gomes, Bruno Gomes e Airton Amorim — Gravação de Geraldo Pereira

Ser Flamengo, hoje em dia, é uma
[tristeza
Falo assim, mas com franqueza
Sou Flamengo pra chuchu...
Ser Flamengo é pra quem tem co-
[ração forte
Pra quem não liga pra sorte
Ao ver o Mário Viana apitando
[um Fla-Flu...
Ser Flamengo é ir pro estádio ao
[meio dia,
Ficar com a barriga vazia,
Torcendo até o apito final
E' também ter sangue de as-
[sassino
Tóda vez que um vascaino
Diz que o Pavão é perna de pau...
Ser Flamengo é tomar por brin-
[cadeira
A bronca que na sexta-feira
O Peladinho costuma dar
Finalmente, é ficar para estourar
Tóda vez que Flávio Costa
Diz que o time vai melhorar...

A VALSA DA VOVÒZINHA

(Valsa)

De Miguel Gustavo, Juanita Castilo e Edmundo de Souza — Gravação de Carlos Galhardo

Vovó tem setenta anos
Cabeça tôda branquinha
Mas ainda gosta de ouvir quando
[eu digo
Pra você vovòzinha...

Lembrar os salões antigos
A reza e a ladainha
E ouvir as valsas dolentes que eu
[canto
Pra você vovòzinha...

Vovó no seu tempo de moça bo-
[nita
Com muita doçura cantava
[também
Cantigas de amor que faziam
[sonhar
Por isso eu me sinto feliz vovò-
[zinha
Ao ver o sorriso que aos lábios
[lhe vem
Quando esta valsinha começo a
[cantar.

★

DIVÓRCIO

(Samba-canção)

De Getúlio Macedo e Lourival Faissal — Gravação de Linda Batista

A nossa vida é um problema,
Não tem solução.
Incompreensão é o dilema,
Da nossa união
Porém se o divórcio existisse...
Seria a solução
E se você consentisse,
Na separação.

Eu vivo triste ao seu lado,
Você já não é feliz,
E o nosso viver isolado
Demonstra que temos um lar in-
[feliz

Pra nossa felicidade,
Deve o divórcio existir.
E' bem melhor para a sociedade
Não ter que nos ver, mentir e
[fingir...

★

OURO PRÊTO

(Samba)

De Herivelto Martins e David Násser — Gravação do Trio de Ouro

Quando o velho sol de Minas
Deixa na mata uma esteira
E depois vai descansar
Na Serra da Mantiqueira
A gente fica cismando
Em tudo que já passou
Desde quando o velho sol
O chão de Minas beijou.

Ouro Prêto
Nas tuas ruas sinuosas
Pareço ver androjosas
As almas dos teus escravos
Mas vejo também altivas
As figuras redivivas
Dos teus heróis, dos teus bravos
Ouro Prêto
Nas casas coloniais
Onde depois nunca mais
Se ouviu a voz de Dirceu
Marilia procura ainda
Na amargura infinda
O amor que não morreu
Ouro Prêto
De que valeu tua história
O teu passado de glória
Minha esquecida cidade
Se na memória se apaga
O que nunca, nunca se paga
O preço da liberdade.

★

TELEFONISTA

(Samba)

De Francisco Alves e David Násser — Gravação de Nelson Gonçalves

Do outro lado da linha
Ninguém talvez adivinha
Que palpita um coração
Que ama, sofre e padece
Que perdoa e não esquece
Do amor a ingratidão
Ninguém por certo imagina
Que talvez sejas divina
De uma beleza proibida
Que a tua voz macia
Talvez isso faça alegria
De um amor na tua vida.

Oh! minha telefonista
Teu nome não está na lista
Mas preciso informação
Pra onde devo ligar
Para poder escutar
Bater o teu coração.

★

BAIÃO DA SERENATA

(Baião)

De Klécius Caldas e Armando Cavalcanti — Gravação de Heleninha Costa

Ai meus velhos tempos em que
[eu ia pra debaixo da janela
Ia dedilhar meu violão numa can-
[ção que fiz pra ela.
Quando ela chegava na varanda
[vinha sempre bonita
Que a própria lua enciumada se
[escondia tôda aflita.

Serenata
Que não volta mais
Lua côr de prata
Que nos convida à serenata
A serenata!.

BAMBO

(Samba-bambo)

De Zé e Zilda Gravação por Emilinha Borba

Você gosta de Mambo
Só porque é estrangeiro
Eu gosto de bambo
Porque Bambo é brasileiro.

Bambo é brasileiro
E' filho de mineiro.

E' Bambo porque bambeia
Quem bambeia
Bambo é
Quando a gente fica Bambo
Não pode se pôr em pé
Quem bambeia Bambo é.

★

NÃO TEM SOLUÇÃO

(Samba-canção)

De Dorival Caymmi e Carlos Guinle Filho — Gravação de Dorival Caymmi

Aconteceu um novo amor
Que não podia acontecer
Não era hora de amar
Agora o que vou fazer

Não tem solução
Êsse novo amor
Um amor a mais
Me tirou a paz
E eu que esperava
Nunca mais amar
Não sei o que faça
Com êsse amor de mais.

★

EX-FILHA DE MARIA

Samba-canção de Lupiscinio Rodrigues, gravado por Roberto Silva

Era esta bonita canção que ela cantava
[na hora da missa
Quando ela estava no côro das virgens
[filhas de Maria
E com esta canção me embalava en-
[quanto eu rezava
Pedindo esta graça
Bom Deus você faça
Com que quem eu amo pertença-me
[um dia.

Acontece porém
Que o caminho do bem
E' tão longo da gente trilhar
E esta pobre mulher
Num tropêço qualquer
Desviou-se pra outro lugar
Hoje anda em lugares tão feios
Em tão triste meios
Que eu fico a chorar
Pois suponho que Deus, nem em sonho
Por ali tencione passar
Mas eu sigo os seus passos
Ofereço meus braços
Na ânsia de dar proteção
a esta alma coitada
Que vive atirada
Na estrada da desilusão
E prossigo rezando, pedindo, implo-
[rando
A Deus o que há tanto eu espero
Se êle não a quer mais
Que me dê que eu a quero.

RÁDIO NOVELA de JOSÉ FERNANDES

AS ROSAS de MARIA ANGÉLICA

III.º CAPÍTULO

...e Maria Angélica foi crescendo. O pai, sempre em dificuldades para manter a família, e a mãe cada vez mais geniosa e intolerante. Por mais estranho que pareça, ela não gostva de Maria Angélica. Não o dizia claramente, mas demonstrava-o na maneira de tratar a menina, tendo para os outros mais carinho e compreensão. Alguns anos se passaram. Um dia...

JORGE (Menino de maus instintos) — Você não vai à escola hoje, Maria Angélica?

GLORINHA (Menina boazinha) — E' mesmo... já está quase na hora e você ainda não se aprontou...

MARIA (Menina) — Não estou com vontade de ir à escola hoje.

JORGE — Por que?... vou contar à mamãe.

GLORINHA — Nada disso, Jorge. Quem sabe se ela está doente?

JORGE (Ríspido) — Que é que você tem, Maria?

MARIA — Não tenho nada, Jorge... mas hoje eu não quero ir.

JORGE — Então vai falar com a mamãe que você não vai, pra depois ela não vir aborrecer a gente. Vamos, Glorinha.

....

MALVINA (Ríspida) — Por que não foi à escola hoje, Maria Angélica?

MARIA (Tímida) — Eu não estava com vontade, mamãe...

MALVINA (Assombro) — Hein?... não estava com vontade?... Era só o que faltava!... (Explode) — Anda! vá já pra escola, se não quiser ficar de castigo na despensa. Anda!...

MARIA (Quase choramingando) — Eu não quero ir, mamãe... estou com mêdo de acontecer alguma coisa...

MALVINA (Ironia) — Sim... vai acontecer mesmo muita coisa, se você não pegar já as suas coisas e ir para a escola! (Grita) — Vamos, Maria Angélica... não me faça perder a paciência!... Anda!!...

MENDES — Que é isso, Malvina?... que é isso?

MALVINA — E' esta preguiçosa que quer ficar em casa vagabundando em vez de ir estudar!

MENDES (Estranha, sem rispidez) — Hein? não quer?

MALVINA — (Irônica) — Diz que não está com vontade... veja só!

MENDES (Compreensivo e bom) — Ahn. Deixe a menina sossegada, Malvina. Venha cá, minha filha... venha contar ao papai o que é que você tem.

MALVINA — Hum!... é por isso mesmo que os meninos ficam perdidos! Você é o primeiro a dar aza! (Braba) — Deixe a menina ir pra escola, Mendes.

MENDES (Irrita-se) — Quer saber de uma coisa, Malvina. Vá cuidar das obrigações e me deixe em paz. Venha, Maria Angélica.

MALVINA (Muxôxo) — ... Era só o que faltava!

....

MENDES (Carinhoso) — Sente-se aqui, filhinha... e conte ao papai por que é que você está aborrecida... Alguém maltratou você?

MARIA — Não, papai...

MENDE — Então?... que foi? Eu hoje cedo notei mesmo que você estava muito caladinha... pensativa...

MARIA (Chorosa) — A mamãe zangou comigo... e se o senhor não chegasse ela me batia...

MENDES — Não se incomode com a sua mãe não...

MARIA — ... Todo dia ela fala em me bater... e eu não faço nada! O Jorge e a Glorinha podem fazer tudo, que ela não se incomoda... (Tristinha) — ... mas eu... eu não posso nem brincar. Outro dia, papai... eu estava lá no jardim aguando as roseiras... eu gosto muito daquelas rosas brancas, sabe? Pois é... eu estava lá no jardim, quando ela chegou e me deu um beliscão no braço. Disse que não queria que eu apanhasse daquelas rosas... (Tristinha) — Eu fiquei muito triste, porque adoro aquelas rosas brancas... e elas também gostam tanto de mim!...

MENDES (Sorrindo enlevado) — De uma coisinha como você, a gente só tem que gostar, minha filha...

MARIA — Mas a mamãe não gosta...

MENDES (Força) — Gosta, sim... Ela anda muito doente... muito nervosa, sabe? Não fique com raiva dela por causa disso não, meu bem. E' muito feio a gente dizer que o papai ou a mamãe são ruins para nós...

MARIA — (Alivia-se um pouco) — Seria muito bom se a mamãe me tratasse como à Glorinha... mas eu não estou com raiva dela não. (Quase num sorriso travêsso) — Ela se zangou por que eu não quis ir à escola...

MENDES — E por que você não quis? (Sorrindo) — Que marota, hein?

Não foi ruindade não, ouviu?... eu gosto muito de você. (Contristada — Vendo) — Ah, e êste botão aqui? Tão pequenino no meio das folhagens!... mas não fique triste... você vai crescer... vai ficar uma rosa grande bonita como as outras... (Sorri) — Fique aí quietinha... assim... (Viu um beija-flor) — (Alegria) — Oh!... um beija-flor!... que bonitinho... e tão pequeno... Venha... venha... converse comigo... (Sorri enlevada) — Venha (Num beicinho) — Oh... não sabe falar? Não tem importância... eu falo com você... (Brabinha) — Não senhor! não tem que bicar as minhas rosas não!... pode beijá-las só! Assim... (Sorri).

....

Assim era Maria Angélica. Uma almazinha sem pecado vicejando em meio às roseiras e aos pássaros, vivendo uma existência alegre e descuidada, apesar dos maus tratos da mãe e das dificuldades com que o pai lutava para manter a família. A primeira revelação do misticismo de Maria Angélica se fêz naquele dia em que ela não quisera ir à escola com os irmãos...

....

P. LUÍS (Pensativo) — Interessante isso, Mendes... Maria Angélica sempre foi uma boa menina... nunca deixou de ir à escola.. Deve ter tido algum motivo...

MENDES (Preocupado) — Não sei, Padre Luís... Esta menina tem me preocupado muito de uns tempos para cá...

P. LUÍS — Por que?... está ficando desobediente?

MENDES — Não é isso... é que... Eu vou contar ao senhor...

VIZINHA (Vindo de longe esbaforida) — Seu Mendes... seu Mendes... Padre Luís!...

MENDES — Que é?... que foi? etc.

P. LUÍS — Que é?... o que foi? etc.

VIZINHA — (Pondo a alma pela bôca) — Seu Mendes... padre Luís... aconteceu uma desgraça... na escola...

P. LUÍS e MENDES (Reação) — Hein? que foi?... fale logo...

VIZZINHA — ... na escola... caiu uma parede... uma parede caiu e matou uma porção de meninos!

MENDES (Grande choque) — Oh meu Deus... meu Deus... e meus filhos estão lá!...

MARIA (Sorri) — (Fica séria) — Eu não quis, papai... porque tinha uma coisa me dizendo que não fôsse. Eu não sei o que era não... mas o senhor compreende, não é?

MENDES — Talvez... acho que compreendo, milha filha...

....

MULHER — Maria Angélica era uma menina estranha... talvez diferente das demais. Começou a adquirir muito cedo a compreensão das coisas, e um dos primeiros sentimentos que lhe brotaram da alma foi a crença... a fé na Santa Milagrosa de quem era afilhada. Às vêzes, quando a tarde vinha caindo...

....

...e os sinos da igreja anunciavam a Ave-Maria, ela se postava diante da janela e ficava olhando docemente o pôr do sol, com a expressão de quem adivinha nesse magnífico espetáculo da natureza a mão divina do Criador. Maria Angélica refletia... e de seus lábios imaculados brotava uma oração expontânea e sincera...

....

MARIA (Prece) — Senhora... nunca ouvi a sua voz... nunca vi o seu rosto... mas sei que a senhora está no céu... olhando para mim e falando comigo. Sei que de vez em quando a senhora desce das alturas e vem ficar a meu lado... porque sinto a sua presença... e chego a aspirar o perfume das rosas que lhe ficam aos pés... E' por isso que gosto das minhas rosas brancas... porque elas me lembram a sua imagem... e colhendo-as, tenho a impressão de que estou segurando as suas mãos... beijando os seus pés... E quando elas têm nas pétalas algumas gotinhas de orvalho... eu fico triste... porque fico pensando que são as suas lágrimas... E choro também... para não deixar a senhora chorar sòzinha...

....

Outras vêzes... quando a sós no jardim... Maria Angélica se punha a conversar com as rosas...

....

MARIA (Sorri) — Então, rosa branca?... estavas com saudades de mim?... Ah, eu sabia... (Sériazinha) — Ontem, sabe? eu pensei que você fôsse ficar zangada comigo, só porque eu arranquei uma das suas pétalas...

QUANDO FALA O CORAÇÃO

Por TIA LAURA

LÚCIA — (Rio) — Não, querida. Você deve é procurar novamente reconciliar-se com seu espôso. Isso são apenas nuvens que tentam empanar um céu de felicidade, e que bem depressa passarão. Se vocês nunca brigaram nestes 12 anos de "lua de mel", como você mesma diz, não será por uma coisa tão simples que irão prejudicar a felicidade de ambos. Tenha um pouco de paciência, converse com êle, e verá que tudo será resolvido conforme você espera e deseja.

★

MARIA CLARA — (Estado do Rio) — Se é conforme você me relata na sua amável carta, você não gosta de nenhum dos dois. O melhor é esquecer ambos, o que espero que faça bem depressa, e aguardar calmamente, pois o dia em que menos esperar o amor baterá à porta dêsse coraçãozinho apaixonado.

★

IVANY — (Caxias do Sul) — Se êle, depois de um ano de namôro, ainda não resolveu falar com seu pai, apesar de seus pedidos, você deverá falar com êle sinceràmente, pois com tôda certeza não está com boas intenções. Peça-lhe uma solução de uma vez por tôdas. Caso êle insista em deixar para mais tarde, você deve terminar êsse romance. Escreva-me, Ivany, contando o que ficou resolvido.

★

JULINHA — (Niterói) — Poderei aconselhar a sua prima, sim, querida. Diga a ela que pode escrever-me, contando tudo direitinho. Aí, então, quem sabe?, encontraremos uma solução para o intrincado problema que a aflige.

★

CARLOS MELO (Juiz de Fora) — Fuja dessa menina, rapaz. Se ela é uma doidivanas como você mesmo diz em sua carta, por que insiste em freqüentar a sua casa e ainda pensa desposá-la? Mostre que é um dos mais inteligentes sobrinhos de Tia Laura afastando-se o mais depressa possível dessa mocinha. Mais tarde você me agradecerá o conselho.

★

Maria Tereza — (Curitiba) — Não proceda dessa maneira. Você ainda está em tempo de remediar a situação. Fale com seus pais, claramente, exponha-lhes a situação nos mínimos detalhes. Em seguida peça-lhes para que falem com seu noivo a respeito, fazendo ver-lhe que êsse noivado só poderá trazer mais aborrecimentos. Êle na certa compreenderá e vocês chegarão a um acôrdo. Escreva-me depois, contando como ficou resolvido seu caso.

★

Suely — (S. Paulo) — Aguarde mais um pouco, meu bem. Dê tempo ao tempo. Se depois de um ano êle não se resolver, aí, você deverá tomar essa resolução. Por enquanto é conveniente esperar mais um pouco.

★

Wilma — (Terezópolis) — Eis aí uma coisa que muito desagrada os homens. Excesso de ciúmes. Refreie um pouco êsse sentimento. Não é agradável para êle estar a todo instante atendendo telefonemas suas para saber o que êle está fazendo, onde vai, etc. Faça o possível para telefonar-lhe só em casos de necessidade, e afaste essas idéias absurdas da sua cabecinha.

★

Cabocla apaixonada — (Pernambuco) — Se realmente êle gostasse de você, pelo tempo êle já teria terminado o noivado com a outra. Não acredite nessas desculpas tolas que êle dá, pois o que pretende é você como passa-tempo apenas. Desista, minha sobrinha dêsse namoro e espere pelo seu príncipe encantado que há de chegar também.

RÁDIO-SOCIAL

OUTRO FILHO?

Fala-se nos corredores da Rádio Tamoio que Júlio Louzada está esperando a segunda visita da cegonha. A coisa não é para já, dizem, mas o bondoso "Reverendo" vem tomando as providências necessárias, como bom chefe de família que é. Aliás, êle tem sido felicíssimo no casamento, pois não consegue passar um minuto sequer longe da espôsa.

EM QUE FICOU?

Há tempos foi noticiado o noivado de Reinaldo Dias Leme com uma jovem funcionária das Nações Unidas, em Nova York. Quando, porém, o elegante locutor da Rádio Nacional retornou ao Rio, definitivamente, jamais se voltou a falar no assunto. Êle, agora, está noivo da rádio-atriz Dulce Martins, a "Isabel Cristina", de "O Direito de Nascer".

TUDO É PAULO...

Como se sabe, Norka Smith desquitou-se de Paulo Renato, aquêle excelente rádio-ator que não se sabe onde se encontra no momento. No lugar de Paulo Renato, a Norka pôs outro Paulo — o Gonçalves, da Rádio Mayrink Veiga. Tudo é Paulo...

OUTRO CASAMENTO?

As más línguas dizem que não apenas o casamento de Aidée Miranda e Fernando Garcia sairá êste ano da Rádio Tamoio. Há outro, ao que se diz, que está para estourar e surpreenderá muita gente boa. Dizem que ela é rádio-atriz e êle rádio-ator. Tia Laura, infelizmente, não pode declinar os nomes. Mas que há alguma coisa de positivo nos boatos, isso há.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ......

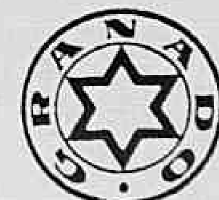
CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50.00





ÁGUA INGLÊSA



STUDIO FHEV

"EUROPA 51"

(Cont. da pág. 19)

quadrinhos. Encontra-o numa praia onde êle está justamente «posando» para a continuação da história. Após uma série de cenas, em que a situação se complica pela iniciativa do marido, que denuncia o desaparecimento da espôsa à polícia, e até uma tentativa de suicídio da parte da jovem mulher exaltada, os dois cônjuges em viagem de núpcias fazem as pazes e conseguem levar a cabo o fito da sua ida a Roma: participar de uma audiência do Papa em São Pedro.

E' a primeira vez que Federico Fellini, um dos mais jovens diretores italianos, tem um filme seu incluído na seleção que representa a produção cinematográfica italiana no Festival de Veneza.

EUROPA 51 (Europa 51) — Direção de Roberto Rossellini — Fotografia de Aldo Tonti — Interpretação de Ingrid Bergman, Alexander Knox, Giulietta Masina, Ettore Giannini — Produção Ponti — De Laurentiis.

Trata-se do drama de uma mulher de nossos dias, na fase de profunda inquietação espiritual e material que atravessa a Europa atualmente. Casada com um diplomata estrangeiro e distraída pelos atrativos da vida burguesa, ela não cuida muito do filho adolescente, que acaba suicidando-se. A morte do filho e a influência sutil das idéias filo-comunistas de um primo, levam-na a afastar-se do mundo burguês em que vivia e a aproximar-se das classes menos favorecidas. Aí, duas mulheres impressionam profundamente o seu espírito: uma pobre mãe de seis filhos, que luta com a miséria e o desemprêgo, e uma prostituta. Esta adoece gravemente e é socorrida por ela na rua mais elegante de Roma, terminando por morrer no miserável pardieiro em que morava. A esta altura dos acontecimentos intervém o marido, o diplomata estrangeiro e seus amigos, que a consideram louca e a internam numa casa de saúde. O filme conclui com êste interrogativo: «E' ela a louca ou o resto do mundo é que o é?»

NOTICIÁRIO

(Cont. da pág. 7)

"Areião" foi lançado, finalmente em São Paulo. Fui assistir a êle quase que de espírito prevenido, pois haviam-me dito que o filme em questão tinha sido vaiado no Rio. Pois, senhores, surpreendi-me: o filme é excelente; salvo algumas cenas em que a "doublagem" está fora de sincronismo, tem muito pouco a criticar.

Fui vê-lo no segundo dia de exibição e tive que assistir a êle quase que de pé durante a sessão. A casa estava completamente lotada. Ou antes: superlotada.

★

Veio, por via-aérea, a esta capital, o grande ator do cinema americano, John Wayne, vindo do Rio de Janeiro. Grande multidão de fãs, além de cinegrafistas, fotógrafos e jornalistas, foi esperá-lo no aeroporto, apesar do mau tempo reinante.

A cidade enfeitou-se de brumas à sua chegada, talvez para justificar o conhecido "slogan": São Paulo, cidade da garoa.

★

O Olindo Dias, da Agência Geral Cinematográfica, vai estender as atividades da firma para o ramo de "shows" radiofônicos.

As estações de rádio do interior já têm, portanto, aqui, a sua agência também.

Quando necessitarem contratar um "cartaz" ou um "show", já sabem: é só mandar um telegrama para a Agência Geral e o assunto estará resolvido.

A mesma agência mantém também um curso de teatro-amador e já tem uma turma preparada e que deverá etrear por êstes dias em um dos nossos teatros.

CALVÍCIE PRECOCE
Como evitá-la!
JUVENTUDE ALEXANDRE
Juventude Alexandre
BELEZA & VIGOR DOS CABELOS
Super eficaz contra QUÉDA DOS CABELOS

BÉL-HORMON
A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL - HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado moderníssimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro.

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ....
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

MEIO MILHÃO . . .

(Cont. da pág. 28)

to Inglês foi contratado pela "Parlophone Record Company", na qual, em 1950, ganhou cobiçada láurea: a de recordista de vendas de discos em tôda a Europa. Êsse título, que poucos musicistas conseguiram alcançar, tem sido mantido galhardamente até a presente data pelo talentoso escocês. Em 1940, realizou a sua primeira excursão ao exterior, aumentando seus triunfos com uma temporada em Portugal e outra na Espanha, onde realizou concertos de música para "ballet" espanhol.

EM TRÊS EMISSORAS E UMA "BOITE"

Agora, graças aos insistentes convites que lhe foram feitos por Dalva de Oliveira, de quem se tornou grande amigo, o popular musicista vem pela primeira vez à América do Sul, exibindo-se para o público brasileiro em três das principais emissoras cariocas — Rádio Nacional, Rádio Clube do Brasil e Rádio Mayrink Veiga, — e na "boite" Casablanca. Nessa temporada, que se iniciou sob os melhores auspícios, o vulgarizador de "Coimbra", "Rio de Janeiro", "Fim de comédia" e outros "hits" musicais ganhará nada menos de meio milhão de cruzeiros. Pela amostra que nos ofereceu terça-feira, em seu "debut" na estação da Praça Mauá, quando, como costuma fazer à testa de sua homogênea orquestra, tirou efeitos personalíssimos do piano, a quantia a ser dispendida pelos patrocinadores da temporada será bem empregada.

CINE MUNDIAL

(Cont. da pág. 6)

Contratada pelo produtor Stanley Kramer, Milly Vitale é mais uma estrêla italiana que Hollywood atrai para sua órbita. Seu filme de estréia nos Estados Unidos será "The Juggler", com Kirk Douglas e sob a direção de Dmitryk.

★

ISRAEL

Dirigido por Ben Oyserman elabora-se presentemente em Tel-Aviv um filme de longa metragem apresentando dois episódios bíblicos: o de Isac e Rebeca e o de Ismael e Agar. O filme está sendo rodado em tecnicolor, estrelado por artistas israelenses e falado em inglês.

INGLATERRA

Nos estúdios britânicos de Elstree acham-se em preparo os seguintes filmes: "Southof Algiers", com Van Heflin e Wanda Hendrix; "Laughter behind the Curtain", com Nadia Gray e Oscar Homolka; "Uncle Willie's Bicycle Shop", com Eileen Herlie e Donald Wolfot e "The Yellow Balloon", com Kathleen Ryan e Andrew Ray.

MÉXICO

O filme "Viva Zapata", do qual é protagonista o ator Marlon Brando, foi severamente cortado pela censura mexicana, não sòmente por motivo de infidelidade à verdade histórica como também por alusões desabonadoras ao caráter nacional.

★

Na costa ocidental do México iniciaram-se os trabalhos de filmagem de "Robinson Crusoe" dirigido por Luis Buñuel. No papel de Robinson Crusoe está o ator Dan O'Herlihy que personificou Macduff no "Macbeth", de Orson Welles.

SUÉCIA

Um grupo de cineastas suecos encontra-se no momento em Israel fotografando os exteriores para o filme "Barrabas", baseado num conto de Par Largervisk, escritor nórdico. Assim, a Suécia começa também a explorar o filão da Bíblia, a exemplo do que fazem os grandes países da indústria fílmica.

COMO APRENDER A DANÇAR



4ª EDIÇÃO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 830 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no princípio sem companheiro ou companheira. Método de ritmos modernos pelo Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120 — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembôlso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda também nas livrarias do Rio e Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

CINE CRÍTICA DO LEITOR

(Cont. da pág. 20)

to já amadureceu, para apresentar alguns trabalhos dignos de nota, já que o seu cartaz de grande amante da tela tem sido o mais irreal. Dos seus rivais apenas Tyrone Power goza de prestígio igual ao seu, muito embora o filho do velho Tyrone Power, grande intérprete de «O Homem Miraculoso», seja melhor ator do que Mr. Taylor.

Citei Mr. Taylor nesta história, como poderia citar uma infinidade de atores, que existem no cinema americano, ganhando rios de dinheiro, com o nome nas marquises dos cinemas, enquanto existem artistas secundários, grandes artistas, sem merecerem oportunidades para brilhar, sempre ocupando lugares obscuros, fazendo fôrça para ganhar os cheques semanais. Porque na história do cinema, artistas, até parece um contraste, são os feios. Emil Jannings, Warner Oland, Paul Muni, Spencer Tracy, Leslie Howard, Nils Asther, Conrad Veidt, John Barrymore, Lionel Barrymore, Lewis Stone, Conrad Nagel, Thomas Meighan, Milton Silis, George Bancroft, eis os grandes, eis os talentos natos, com excelentes trabalhos em todos os filmes em que apareceram, daí a imortalidade perante os seus fãs. Galãs de hoje, meros manequins para acompanharem os passos de Miss Garbo, Miss Grawford, Mis Daves, Miss Hepburn, Miss Banckead, etc.

AERTON PERLINGEIRO o FAVORITO das TITIAS

ANDA PROCURANDO QUAL É A MAIOR MARIA



Quando Aerton Perlingeiro veio de Macaé, sua cidade natal ficou triste. Aquêle rapazinho, magro, simpático e falador era a alegria de tôdas as rodas, o menino dos olhos das meninas do lugar, e o companheiro sempre alegre e divertido da rapaziada da beira do rio.

Acontece, porém, que se a tristeza foi a primeira reação dos que ficaram, em pouco, o orgulho tomou seu lugar. E o pessoal distante, começou a torcer pelo rapazinho que dali saira. E como tem valor a torcida. Em pouco Aerton dominava o ambiente radiofônico da metrópole com sua personalidade e o seu dinamismo.

LOCUTOR E PRODUTOR

Hoje Aerton Perlingeiro produz todos os programas que apresenta. Principalmente aquêle que é a menina dos seus olhos: Fim de Semana. Tôdas as seções foram por êle imaginadas. Não sòmente as que estão no ar, como também as que já fizeram sua carreira e agora descansam na saudade dos que as ouviram, esperando, quem sabe? uma oportunidade para voltar. Assim, o animador milionário completa-se na apresentação de seus próprios programas.

CADA CRIAÇÃO, UM APELIDO

Os sucessos de Aerton quase que se podem contar pelo número de seus apelidos. É êle o favorito das titias, o descobridor das Marias, Aerton Fim de Semana e por aí afora. Mas nenhum dêsses apelidos cabe melhor que o de animador milionário. Porque todos os programas de Aerton distribuem sempre muito dinheiro. Até um banco o simpático locutor já criou em suas apresentações. E quem quiser Morar de Graça, é só comparecer aos auditórios onde o Perlingeiro apresenta os seus programas. Êle paga o aluguel e a conta do armazém. Tem razão portanto em ser chamado o animador milionrio. É a próprio definição de seus programas.

UM CAVALHEIRO AO MICROFONE

Aerton destaca-se pelo cavalheirismo com que age. É de seu próprio temperamento ser cavalheiro. Ser atencioso. Delicado. Sabe tratar o público, dominá-lo mesmo, mas com um sorriso, com uma piada, com sua constante presença de espírito. As titias, por isso resolveram elegê-lo seu favorito. E um belo dia, em pleno auditório, o Aerton foi consagrado o Favorito das Titias, titulo conferido com expontaneidade, por uma classe numerosa e prestigiosa.





OS MAIS RECENTES SUCESSOS

Indiscutivelmente, o mais recente grande sucesso de Aerton Perlingeiro, é a procura da maior Maria. Concurso imaginado, lançado e orientado pelo Aerton, em breve conseguiu acentuada projeção. E os resultados foram os melhores possiveis. A mais velha Maria, como pode ser vista nas fotos que ilustram esta reportagem, compareceu ao auditório da Rádio Clube, com 99 anos e 9 meses nas costas. Quase centenária, portanto. A Maria mais alta, vocês podem calcular o que foi. A mais gorda, com 150 quilos. E os cabelos daquela que levantou o titulo de cabelos mais compridos? Vejam só a fotografia. Vão quase até os calcanhares, os cabelos da Maria. E o concurso não parou ai. E cada semana o Aerton procura uma nova grande Maria.

POPULARIDADE ENTRE OS COLEGAS

Não há no ambiente radiofônico, um profissional que tenha queixas amargas de Aerton Perlingeiro. O homem é amigo de seus amigos, atencioso e prestimoso. A qualquer pedido seu, os colegas não se negam a comparecer onde o Aerton fôr. É o que parecem dizer Dircinha Batista e Olivinha Carvalho, «com o Aerton vamos até Honolulu». Sujeito de sorte!





Sensacional apresentação da nova dupla cômica do cinema!

DEAN **MARTIN** e JERRY **LEWIS**

(O "FOLGADO") (O "BIRUTA")

NA ENGRAÇADISSIMA COMÉDIA DE HAL WALLIS





O MARUJO FOI NA ONDA

"SAILOR BEWARE"

E SALIENTANDO:

CORINNE CALVET MARION MARSHALL

com ROBERT STRAUSS · Direção de HAL WALKER · Screenplay by JAMES ALLARDICE and MARTIN RACKIN · Additional dialogue by JOHN GRANT · Adaptation by ELWOOD ULLMAN ·

From a play by Kenyon Nicholson and Charles Robinson



2ª FEIRA

HORARIO: 2 · 4 · 6 · 8 · 10

PLAZA
PARISIENSE
ASTORIA
OLINDA
RITZ
COLONIAL
PRIMOR
H · LOBO
MASCOTE

COMPLEMENTOS NACIONAIS

